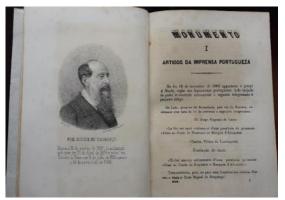






1 - Á memória do Senhor Dom Miguel Primeiro deste nome como prova da sua fidelidade e amor, a nação portuguesa levantou este eterno monumento. S/I., D. Jorge Eugenio de Locio, [1867], 520 p., ilustrado com gravuras em folhas extra texto, 22 cm. Encadernação inteira de veludo castanho, com gravações a seco na pasta, bom estado de conservação.



«O sentimento que a notícia da sua morte veio espalhar por todo o Portugal. O paiz manifestou dor tão grande que a história não nos dá conta de outra igual. Esta manifestação foi sem dúvida um suffragio universal.

Pareceu-me conveniente reunir em um livro todas as manifestações de que tive notícia. Para elle colaboraram pennas de todas as províncias, de todas as cidades, de todas as aldeias do paiz. Não fiz mais do que coligir o que taes pennas escreveram, e entregal-o ao prelo.»

120€



2 - A obra de Salazar na pasta das Finanças: 27 de Abril de 1928 a 28 de Agosto de 1940. Lisboa, S.P.N, 1941, 129;[6] p., 22 cm. Capa brochada, pequenos picos de humidade, bom estado de conservação.

«Em 27 de Abril de 1928, Salazar tomava posse das Finanças.

Mais de doze anos decorridos, em 28 de Agosto de 1940, Salazar deixava a pasta das Finanças.

Da forma como foram preenchidos estes doze anos dão conta os elementos relacionados nas páginas da presente publicação. Parece oportuno o momento para se exporem os métodos e se dar o balanço dos resultados.»

atempo@livraria



3 - Almada, José de - *Tratado de 1891.* Lisboa, Estado Maior do Exército, 1947, VIII;454;[3] p., ilustrado com 6 mapas desdobráveis, 24 cm. <u>Com dedicatória do autor</u>. Capa brochada, bom estado de conservação.

«O Ultimato britânico de 1890 contra as pretensões portuguesas em África provocou um movimento social e político de exaltação patriótica e de contestação da Monarquia. Marcava o fim do pretendido "mapa cor-de-rosa", que uniria Angola e Moçambique, sob a soberania de Portugal.

No final do século XIX, os países europeus disputam o continente africano, fonte importante de matérias-primas e riqueza.

A Conferência de Berlim, em 1884, reúne as principais potências com interesses em África, determinando a ocupação efetiva

como critério para a posse dos territórios.

Portugal intensifica a realização de viagens exploratórias e operações militares, visando a conquista dos territórios entre Angola e Moçambique, com base no plano do "mapa cor-de-rosa". Alemanha e França comprometem-se a não intervir naquela área, mas o Reino Unido opõe-se ao projeto, pois pretendia levar a cabo uma ligação ferroviária entre a África do Sul e o Cairo.

Em 11 de Janeiro de 1890, o Reino Unido lança um ultimato a Portugal, exigindo a retirada militar dos territórios entre Angola e Moçambique, sob a ameaça do rompimento de relações entre as duas nações europeias.

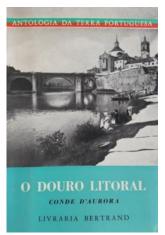
O Governo português, com o apoio do rei D. Carlos, cede de imediato ao Ultimato, gerando reações nacionalistas e antibritânicas, assim como um movimento de contestação à Monarquia.»









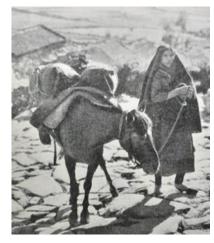


4 - Antologia da terra portuguesa. Lisboa, Livraria Bertrand, [195-], 19 volumes, volume 1: Luís Forjaz Trigueiros — O Minho, XVII;230 p., volume 2: João Cabral do Nascimento — A Madeira, IX;166 p., volume 3: Urbano Tavares Rodrigues — O Alentejo, 204 p., volume 4: Conde de Aurora — O Douro Litoral, 206;[1] p., volume 5: Amândio César — Trás-os-Montes e Alto Douro, 214;[4] p., volume 6: Natércia Freire — O Ribatejo, 216;[5] p., volume 7: Jaime Lopes Dias — Beira-Baixa, 214;[2] p., volume 8: A. de Magalhães Basto — O Porto, 157;[3] p., volume 9: Vasco Miranda — Beira Alta, 212;[4] p., volume 10: Luís Forjaz Trigueiros — Angola, 238;[4] p., volume 11 - Luís Forjaz Trigueiros — Moçambique, 189;[3] p., volume 12: Manuel de Seabra — Goa, Damão e Diu, 202;[5] p., volume 13: David Mourão Ferreira — O Algarve, 127;[4] p., volume 14: A. Côrtes Rodrigues — Os Açores, 227;[5] p., volume 15: Urbano Tavares Rodrigues — Estremadura, 254;[1] p., volume 16: Luís Forjaz Trigueiros — Cabo Verde, Guiné, S. Tomé e Príncipe, Macau e Timor, 241;[2] p., volume 17: José Osório de Oliveira — Beira litoral, 167;[3] p., volume 18: Tomás Ribas — Lisboa (poesia), 190;[6] p., volume 19: Tomás Ribas — Lisboa (prosa), 249;[1] p., todos os volumes muito ilustrados com fotos e mapas, 18 cm. COMPLETA. Capas brochadas, bom estado de conservação.



«Antologia que se reveste de importância ao mesmo tempo literária e didática. Tentativa de reunir com caracter sistemático, os trechos mais significativos da nossa literatura em ordem à definição de aspectos essenciais do Homem, da paisagem e do meio social.

Convidaram escritores portugueses cuja obra anterior ou afinidades pessoais os haviam ligado às diferentes províncias e que contribuam para esclarecer a acção geopolítica e histórico-económica do meio físico ou sociológico.»





5 - Azevedo, João Fraga de; Francisco J. C. Cambournac – *Alguns preceitos de higiene tropical*. Lisboa, Sociedade de Geografia de Lisboa, 1945, 20;[2] p., 20 cm. Capa brochada, bom estado de conservação.

«Outrora ignoravam-se as condições em que se contraíam as doenças endémicas dos trópicos, o que muito dificultava a acção civilizadora que aí desejava exercerse. Os conhecimentos de que dispomos actualmente a esse respeito, permite-nos avaliar da maneira como tais doenças são adquiridas e por isso é-nos possível utilizar métodos adequados para a sua profilaxia.»

12 €



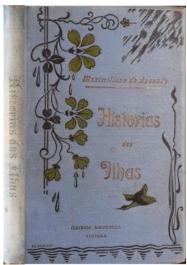
da época, bom estado de conservação.

[Azevedo, 6 Joaquim José del Exposição analytica, e justificativa da conducta, e vida pública do Visconde do Rio Secco desde o dia 25 de Novembro de 1807, em que Sua Majestade Fidelíssima o incumbio dos arranjamentos necessários da sua retirada para o Rio de Janeiro até ao dia 15 de Setembro de 1821, em cujo anno dimittirá todos os lugares e empregos de responsabilidade de fazenda, com permissão de Sua Alteza Real O Príncipe Regente do Brazil, concedida por decreto de 27 de Agosto do presente anno, publicada por elle mesmo. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1821, VIII;39;4;28;9 p., com folha desdobrável, 29 cm. Encadernação inteira de pele

«Joaquim José de Azevedo primeiro Barão e Visconde de Rio Seco 1761-1835, possuía títulos de nobreza tanto portugueses quanto brasileiros. Foi um dos organizadores da fuga de Lisboa para o Brasil da família real em 1808, chegando mesmo a conselheiro real e imperial e alcaide-mor de Santos. Responsável pela área de compras da casa real, durante o período que Dom João VI esteve no Brasil, tinha a fama de corrupto, tendo enriquecido às custas do erário.»









7 - Azevedo, Maximiliano de – *Histórias das ilhas: reminiscências dos Açores e da Madeira.* Lisboa, Parceria António Maria Pereira, 1899, <u>1ª edição</u>, 247;[1] p., ilustrado com desenhos de Celso Hermínio, 20 cm. Encadernação original do editor, bom estado de conservação.

«Maximiliano Eugénio de Azevedo (Funchal, 1850 — Lisboa, 1911), com forte pendor intelectual, aliou a sua carreira militar a múltiplas actividades culturais realizadas no âmbito militar e na sociedade civil, com destaque para tarefas de historiografia e arquivística militar.

Jornalista de mérito, colaborou em diversos periódicos. Possuindo um vasto conhecimento da história teatral nas suas vertentes literária e artística.

Entre a sua obra destaca-se a colectânea de contos Histórias das Ilhas (1899), na qual reflecte a sua experiência insular nos arquipélagos da Madeira e Açores, obra que à época foi um sucesso editorial.» 50 €



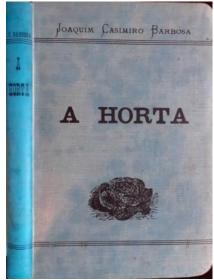
8 - Bannel, Yves – A maçonaria uma visão diferente do mundo / La Masoneria una visión diferente del mundo. A Corunha, Fundación Ara Solis, 2006, texto em português, 97;[1] p., texto em espanhol, 96;[1] p., 21 cm. Capa brochada, como novo.

«O texto que vem a seguir quer dar a conhecer o verdadeiro espírito da Maçonaria a dois públicos, em particular. Em primeiro lugar, às pessoas recém-entradas (chamadas Aprendizes), informando-as sobre alguns dos primeiros conceitos, valores e eixos de reflexão, na hora de iniciar o seu caminho dentro da Fraternidade Maçónica. Em segundo lugar, para os que não conhecem e não pertencem à Maçonaria (e que nós chamamos "profanos") e que desejam entender tanto os objectivos da Maçonaria, de hoje em dia, como o centro das aspirações daqueles homens e mulheres (os

"Irmãos" e "Irmãs, no seio da Maçonaria) que convergem para a mesma ética e ideia de homem, baseadas na Tolerância e na Fraternidade.»

atempo@livraria







9 - Barbosa, Joaquim Casimiro – *A horta: tratado das hortaliças e outras plantas hortenses; sua descripção, multiplicação e cultura*. Porto, Livraria Chardron de Lello & Irmão, s/d, [1902], 2ª edição, IX;446 p., 22 cm. Encadernação original do editor, bom estado de conservação.

«O presente livro destinado especialmente aos amadores de jardinagem, que não só para terem os legumes extraordinários do paiz, mas também aquelles que excepcionalmente se podem encontrar ou não são usados, se dedicam por gosto, por distracção ou mesmo por uma economia bem entendida, a esta cultura especial, e que, menos familiarizados com os segredos da arte do hortelão, segredos que só uma longa prática faz conhecer, precisam de guia na iniciação dos seus trabalhos.» 40 €

10 - Barbosa, José – *Pela Grei: aspectos da nossa gente.* Lisboa, Livraria Clássica Editora, 1913, 175;[5] p., 19 cm. Capa brochada, lombada cansada, bom estado geral.

«O que escrevi em 1909 e 1910 (na Imprensa de Lisboa e na Lucta), é reeditado tal qual sem ódios e sem invejas, saiu da minha pena nesses dias de ansiada esperança em que imaginei que "pela grei" trabalhávamos.» 20 €



atempo@livraria



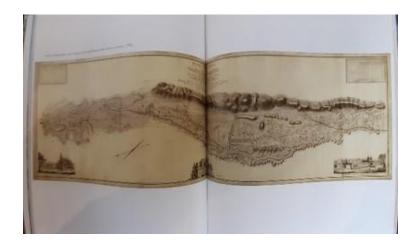




11 - Barbosa, Pedro Gomes; Maria da Luz Moreira — Seiva sagrada: a agricultura na região de Alcobaça; notas históricas. Alcobaça, Associação dos Agricultores da Região de Alcobaça, 2006, 271 p., muito ilustrado, 32 cm. Encadernação original do editor, com sobrecapa, como novo.

«Com este trabalho, pretendemos mostrar um pouco como Alcobaça nasceu e cresceu com as preces dos monges, mas também com os seus ensinamentos e árdua faina do homem e da mulher da jorna. Hoje a par de uma agricultura caseira, mas herdeira de séculos de conhecimento, existe em Alcobaça a técnica laboratorial e procura fazer-se futuro. Um futuro que não seria possível sem a Seiva Sagrada das terras de Cister.

Aqui fica um trabalho que tenta reunir alguns momentos da História da Agricultura na Região de Alcobaça. Foi feito um trabalho fotográfico exaustivo do território alcobacense actual, pois pretendíamos também deixar nesta publicação um testemunho iconográfico.»





12 - Barros, Henrique da Gama – *História da administração pública em Portugal nos séculos XII a XV.* Lisboa, Livraria Sá da Costa, 1945-1954, 11 volumes, 2ª edição dirigida por Torquato de Sousa Soares, tomo I: LXXIV;432;[1] p., tomo II: 524;[1] p., tomo III: 476;[1] p., tomo IV: 510;[1] p., tomo V: 471 p., tomo VI: 638;[1] p., tomo VII: 564;[1] p., tomo VIII: 537;[2] p., tomo IX: 554;[1] p., tomo X: 463 p., tomo XI: 526;[1] p., ilustrados, 25 cm. Capa brochada, com restauro na lombado do tomo I e IV, alguns volumes com ligeiros picos de humidade na capa, bom estado de conservação.

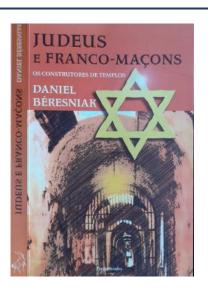
«Este trabalho, cujo intuito é apresentar a administração publica em Portugal sob todos os aspectos em relação ao regímen interno, abrange a epocha decorrida desde a fundação da monarchia até o fim do reinado de D. João II, 1495. Comprehende, portanto, o período que viu na Europa as instituições políticas nascidas na idade média chegarem ao seu maior desenvolvimento, e caírem a final no acaso impelidas por uma organização diferente; assistiu ao progresso do poder da realeza, e, sendo ainda testemunha da consolidação definitiva d'esta força social, teve ocasião de reconhecer a supremacia que ella ficou exercendo sobre todas as outras.

Mas, para avaliar de perto o mechanismo da administração e o seu influxo, não basta conhecer o direito que a regía; é mister penetrar mais no amago da sociedade, perscrutando os costumes da cada classe, investigando os seus privilégios e encargos, e atentando também na constituição da família e da propriedade, na justiça civil e criminal.»

300€

13 - Béresniak, Daniel - Judeus e Franco-Maçons: os construtores de templos. Cascais, Pergaminho, 2001, 217;[5] p., 23 cm. Capa brochada, como novo.

«Judeus e Franco-Maçons estão longe, como veremos, de ser unânimes, de ter uma só representação do mundo, de aderir a uma única ideologia.»









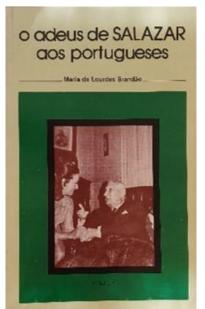




14 - Botto, António – O livro das crianças: aprovado oficialmente nas escolas da Irlanda e com a aprovação em Portugal de Sua Eminência o Senhor Cardeal Patriarca de Lisboa D. Manuel Gonçalves Cerejeira. Lisboa, Edição da Livraria Ecléctica, 1944, 123;[9] p., ilustrado com desenhos Júlio de Sousa, 22 cm. Capa brochada, bom estado de conservação.

«Maltratar com violência uma criança obrigando-a a derramar lágrimas é lançar no seu espírito a ira, a tristeza, a inveja, a vingança, a hipocrisia... Com êsse chôro, com essa expansão dolorosa de soluços e gemidos, desaparece para sempre a visão encantada, risonha e ingénua da vida; e pouco a pouco há-de extinguir-se aquela secreta e inefável comunhão espiritual que deve existir entre os que nos trouxeram a êste mundo, — e nós que vivemos para continuar amorosamente os seus desejos, os seus princípios e as suas ideias.»

45 €



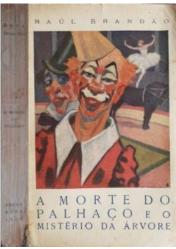
15 - Brandão, Maria de Lurdes – O adeus de Salazar aos portugueses. Porto, Artistas Reunidos, s/d, [37] p., muito ilustrado com fotos, 23 cm. Capas brochadas, bom estado de conservação.

«Esta entrevista, que concedeu a Maria de Lourdes Brandão, jornalista portuguesa que viveu muito anos no Brasil e actualmente reside no Porto, colaborando em diversos jornais e revistas dos dois países, é uma peça histórica. Por ela os portugueses podem saber, agora, como viveu Salazar os últimos meses da sua vida e o que pensava esse homem, tão amado por uns e odiado por outros.»



atempo@livraria







16 - Brandão, Raúl – *A morte do palhaço e o mistério da árvore.* Lisboa, Seara Nova, 1926, <u>1ª edição</u>, 287;[5] p., ilustrações de Marinho da Fonseca, 20 cm. Capas brochadas, bom estado de conservação.

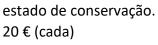
«Raul Germano Brandão militar, jornalista e escritor, famoso pelo realismo das suas descrições e pelo lirismo da linguagem.

Deixou uma extensa obra literária e jornalística.»

«Um livro onde o sonho e a fantasia se misturam, retratando primorosamente o drama silencioso vivido pelas personagens.»

50€







17 - Brásio, António (col. e anot.) -Monumenta missionária africana: Africa Ocidental. Lisboa, Agência-Geral do Ultramar, 1968, 1960, 1971, 3 volumes (incompleta), volume IV: (1600-1622), 2ª série, XXXI;718;[1] p., ilustrado com gravuras em folhas extra texto, 25 cm, volume VIII: (1631-1642), XXXVIII;622;[1] p., ilustrado com gravuras em folhas extra texto e mapa desdobrável, 25 cm, volume XXXIII;547;[1] XI: (1651-1655), ilustrado com gravuras em folhas extra texto, 25 cm. Capa brochada, volume IV com picos de humidade na capa, bom

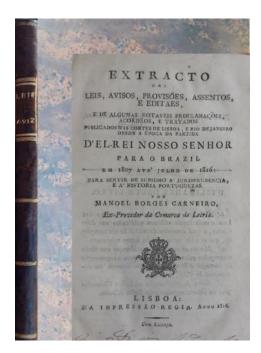
18 - Cardoso, Maria Celeste C. Ribeiro Costa Ferreira – *A mulher na família do colono*. Lisboa, Sociedade de Geografia de Lisboa, 1945, 12 p., ilustrado com foto, 20 cm. Capa brochada, bom estado de conservação.

«A mulher que vive nas colónias – sobretudo se fôr no interior – não tem facilidade em arranjar bons colaboradores para o seu trabalho caseiro. Certamente os pode conseguir, mas terá de proceder primeiro a um sério e paciente trabalho de ensino pelo qual os nativos, simples como crianças, cheguem a poder ajudá-la.

No interior, as habitações ou pequenos povoados são, de facto, mundos que têm de bastar-se a si próprios, dadas as enormes distâncias que os separa.»

12€





19 - Carneiro, Manoel Borges — Extracto das leis, avisos, provisões, assentos, editaes e de algumas notaveis proclamações, acordãos e tratados publicadas nas cortes de Lisboa e Rio de Janeiro desde a época da partida d'El-Rei Nosso Senhor para o Brazil em 1807 até Julho de 1816: para servir de subsidio à jurisprudência, e á Historia Portuguezas. Lisboa, Na impressão Regia, 1816, 182;[1] p., 20 cm. Encadernação inteira de pele da época, papel muito limpo, folhas pintadas no corte, com boas margens, bom estado de conservação.

«Manuel Borges Carneiro 1774 — 1833, foi um dos principais teorizadores do Estado liberal, publicando uma extensa obra no campo da doutrina política, nomeadamente sobre o Direito Civil. Afirmando-se como um promissor jurisconsulto e teorizador do direito português, coligindo as matérias para a obra que publicou

anos depois, intitulada "Extracto das leis, avisos, provisões, assentos e editaes publicados nas côrtes de Lisboa e Rio de Janeiro, desde a epocha da partida d'El-rei nosso senhor para o Brazil em 1807 até Julho de 1816". Esta obra integra uma colecção de documentos legislativos publicados em Lisboa e no Rio de Janeiro, enquanto durou a permanência da corte no Brasil, transformando-se num útil documento para o estudo daquela época.»

atempo@livraria







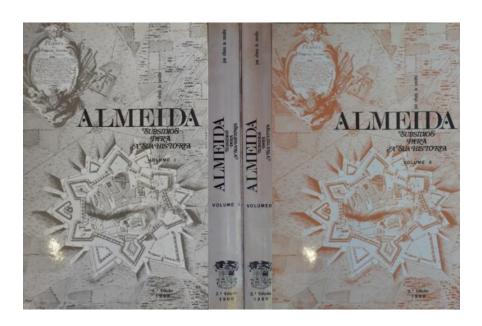
20 - Carvalho, Anselmo Ferraz de – *Contribuições para o estudo da geografia de Portugal.* Coimbra, Tipografia da Atlântida, 1948, Publicações do Museu Mineralógico e Geológico da Universidade de Coimbra: Memórias e Notícias; nº 22, VI;87;[7] p., ilustrado com 7 folhas extra texto, no texto com gráficos e 3 mapas desdobráveis, 25 cm. Capa brochada, bom estado de conservação.

«As bases para o estudo geográfico de Portugal são os trabalhos da nossa antiga comissão de Serviços Geológicos, ou mais propriamente os de Nery Delgado e Paul Choffat. Os autores das nossas cartas geológicas e hipsométricas, nas suas comunicações e monografias, deixaram dispersos numerosos fragmentos que nos compete reunir e completar. Procurei fazê-lo, com o respeito devido aos dos insignes geólogos.

Da sua obra pouco haverá que abandonar. Impõe-se agora continuá-la.» 35 €







21 - Carvalho, José Vilhena de – *Almeida: subsídios para a sua história.* Viseu, Tipografia Guerra, 1988, 2 volumes, volume I: 509;[1] p., volume II: 477;[1] p., ilustrados com fotos e plantas em folhas desdobráveis, 25 cm. <u>Com dedicatória do autor</u>. Capa brochada, bom estado de conservação.

«Em 1964 quando de uma visita mais demorada a Almeida, li alguns livros que faziam referência a esta vila, o que despertou o meu interesse. Resolvi, então, fazer pesquisas as mais minuciosas que me foi possível, durante o espaço de tempo que decorreu dessa época até 1972, mandando microfilmar todos os documentos. De posse destes microfilmes, que hoje somam cerca de 60.000 correspondentes a mais de 70.000 documentos, fui concatenando os apontamentos que deram origem ao desenvolvimento deste livro. Mas não bastava; comecei a frequentar bibliotecas e arquivos de forma a poder colher o maior número possível de informação.»

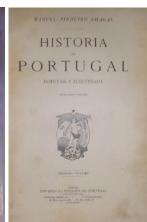














22 - Chagas, Manuel Pinheiro – História de Portuga: popular e illustrada. Lisboa, Empreza da Historia de Portugal, 1899-1909, 14 volumes, texto a 2 colunas, 1º volume: 624 p., 2º volume: 638 p., 3º volume: 640 p., 4º volume: 640 p., 5º volume: 638 p., 6º volume: 638 p., 7º volume: 638 p., 8º volume: 626;[2] p., 9º volume: 647 p., 10º volume: 632 p., 11º volume: Colen, J. Barbosa – Continuada desde a chegada de D. Pedro IV à Europa até nossos dias: 642 p., 12º volume: Colen, J. Barbosa -



até nossos dias: 642 p., 12º volume: Colen, J. Barbosa – Continuada desde a chegada de D. Pedro IV à Europa até à morte de D. Maria II; e d'ahi até aos

nossos dias por Marques Gomes, 600;XLIV p., 13º volume: *Um reinado trágico: complemento I*, 640 p., 14º volume: **Gallis, Alfredo –** *Um reinado trágico: complemento II*, 636;[1] p., muito ilustrados no texto, 30 cm. Encadernação ½ pele, lombada ligeiramente cansada, bom estado de conservação.

«Manuel Pinheiro Chagas foi um dos grandes vultos da história portuguesa, na sua produção literária, em especial na área da História, levou a que em 16 de Janeiro de 1866 fosse eleito sócio efectivo e depois secretário-geral da Academia das Ciências de Lisboa.»







atempo@livraria



23 - Choffat, Paul – Notícia sobre a carta hipsometrica de Portugal. Lisboa, Typographia da Academia Real das Sciencias, 1907, tradução de Luiz Fillipe d' Almeida Couceiro, 70 p., com mapa desdobrável e tabela

hipsometrica, 25 cm. Capa brochada cansada,

com alguns restauros.

«Léon Paul Choffat (Porrentruy (Suiça), 1849 — Lisboa, 1919) foi geólogo, especialmente estratígrafo e paleontologista, que se distinguiu como pioneiro do estudo da paleontologia dos terrenos jurássicos e da geografia física de Portugal. Tendo iniciado a sua carreira como professor agregado de paleontologia animal da Escola Politécnica Federal de Zurique, a partir de

1878 fixou-se em Portugal, onde realizou a maior parte da sua carreira científica e onde faleceu. É considerado um vulto incontornável na Geologia de Portugal, mantendo alguns dos seus estudos relevância para o conhecimento da geologia portuguesa.»

50€



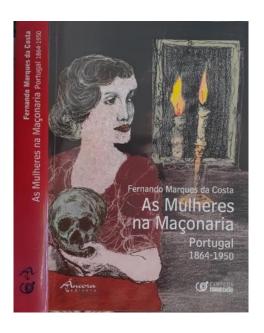






24 - Coelho, Luís Furtado – Manual téorico e prático da gimnástica respiratória. Caxias, Tipografia do Reformatório Central de Lisboa "Padre António de Oliveira", 1931, 74;[1] p., ilustrado com fotos de José Garnel Júnior e Manuel Vitor Guerreiro, 23 cm. <u>Com dedicatória do autor</u>. Capa brochada, bom estado de conservação.

«Os leitores encontraram neste trabalho todas as indicações teóricas necessárias à inteira compreensão do assunto, aliadas a um método ensino prático da técnica indispensável.»



25 - Costa, Fernando Marques da — As mulheres na maçonaria: Portugal 1864-1950. Lisboa, Âncora Editora; Campo da Comunicação, 2016, 412 p., 23 cm. Com dedicatória do autor. Capa brochada, como novo.

«Este trabalho de investigação tem como objectivo a história das diversas lojas maçónicas que, entre 1864 e 1950, contaram com a presença de mulheres, identificando o seu percurso, objectivos e membros que as compunham.

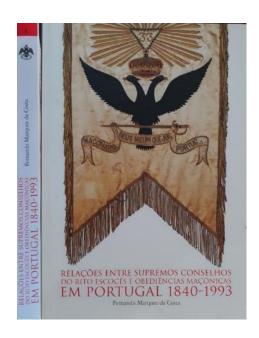
O estudo está complementado com um conjunto de anexos onde se publicam alguns documentos inéditos existentes, quer em arquivos privados, quer em bibliotecas estrangeiras.»

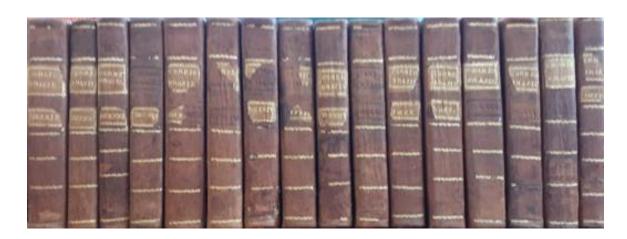
25€

26 - Costa, Fernando Marques da — Relações entre supremos conselhos do rito escocês antigo e aceito e obediências maçónicas em Portugal 1840-1993. Lisboa, Supremo Conselho do REAA para Portugal e sua Jurisdição, 2015, 1ª edição, 269 p., 25 cm. Com dedicatória do autor. Capa brochada, como novo.

«Fernando Marques da Costa autor de vários trabalhos de história da maçonaria.

Trata-se de um estudo onde o autor identifica, ao longo de século e meio, os modelos relacionados entre as diversas organizações maçónicas.»
20 €





27 - [Costa, Hypólito José da] - Correio braziliense ou, armazem literario. Londres, Impresso por W. Lewis, 1808-1822, 41 volumes, nº 1 − Junho de 1808 a nº 175 Dezembro de 1822, ilustrado, 21 cm. COMPLETO. Encadernação inteira de pele da época, papel muito limpo, bom estado de conservação.

«Correio Braziliense ou Armazém Literário foi um mensário português publicado por Hipólito José da Costa Pereira Furtado de Mendonça em Londres. Precursor dos chamados "Jornais de Londres", é também considerado o primeiro jornal brasileiro. Circulou de 1 de Junho de 1808 a 1 de Dezembro de 1822, contando 175 números, editados durante 14 anos e 7 meses, ininterruptamente, com marcante pontualidade.»

«Hipólito José da Costa Pereira Furtado de Mendonça (Colônia do Sacramento, 13 de Agosto de 1774 — Londres, 11 de Setembro de 1823) foi jornalista, maçom e diplomata brasileiro, patrono da cadeira 17 da Academia Brasileira de Letras.

CORREIO BRAZILIENSE



Viajou ao serviço da Coroa Portuguesa para

Londres em 1802, com o objetivo declarado de adquirir obras para a Real Biblioteca e maquinário para a Imprensa Régia. Ocultamente, entretanto, um de seus motivos eram também de estabelecer contactos entre as lojas maçônicas portuguesas e o Grande Oriente em Londres. De Londres passou a editar regularmente aquele que é considerado o primeiro jornal brasileiro: o Correio Braziliense ou Armazém Literário. Com esse veículo, passou a defender as ideias liberais, entre as quais as de emancipação colonial, dando ampla cobertura à Revolução liberal do Porto de 1820 e aos acontecimentos de 1821 e de 1822 que conduziriam à Independência do Brasil. No Brasil é considerado o patrono da imprensa.»

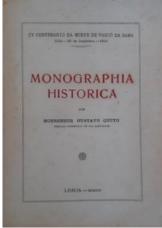






28 - Couto, Diogo do - Decada Quinta da Asia: dos feitos que os portugueses fizerao no descobrimento dos mares, & conquista das terras do oriente: em quanto governarao a India Nuno da Cunha, Dom Garcia de Noronha, Dom Esteuao da Gama, & Martim Afonso de Sousa; composta por mandado dos muito catholicos & inuenciueis monarchas d'Espanha, & Reys de Portugal, Dom Felipe de gloriosa memoria o primeiro deste nome: e de seu filho Dom Felipe Nosso Senhor, o Segundo do mesmo nome; Por Diogo do Couto Chronista e Guarda Mòr da Torre do Tombo do Estado da India. Em Lisboa, Impresso por Pedro Crasbeeck, 1612, 1ª edição, [12];230 folhas, ilustrado, 28 cm. Encadernação inteira de pergaminho da época, bom estado de conservação. 800 €





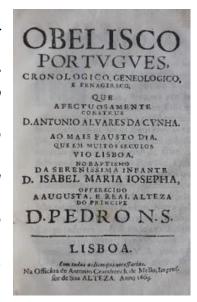


29 - Couto, Gustavo – Monographia histórica. Lisboa, Typ. da Livraria Ferin, 1925, 35 p., ilustrado com gravuras em folhas extra texto, 21 cm. <u>Com dedicatória do autor</u>. Capa brochada, bom estado de conservação.

IV Centenário da morte de Vasco da Gama.



30 - Cunha, Antonio Alvares da -Obelisco portugues, cronologico, geneologico penagirico, que afectuosamente construe D. Antonio Alvares da Cunha: ao mais fausto dia, que em muitos seculos vio Lisboa, no Baptismo da Serenissima Infante D. Isabel Maria Josepha, offerecido a Augusta, e Real Alteza do Principe D. Pedro N. S. Lisboa, Na Officina de Antonio Craesbeeck de Mello, Impressor de Sua 130 Alteza. 1669. p., 20 cm. Encadernação inteira de pergaminho da época, bom estado de conservação.



«D. Isabel Luísa Josefa de Bragança, Princesa da Beira, cognominada de A Sempre Noiva (Lisboa, 6 de Janeiro de 1669 - Lisboa, 21 de Outubro de 1690), foi a primeira e única filha do Rei Pedro II de Portugal e de Maria Francisca de Saboia, que, por ser a filha mais velha, foi proclamada Princesa da Beira e Duquesa de Bragança e declarada herdeira presuntiva da coroa, de 1674 até ao nascimento do seu meio-irmão João, Príncipe do Brasil, e, após a morte deste, até ao nascimento de outro meio-irmão, o futuro Rei João V de Portugal.»

500€



31 - **Dias, da Cunha** – *A maçonaria em Portugal*. Lisboa, Ottosgrafica, 1930, 235;[1] p., ilustrado, 16 cm. Capa brochada, bom estado de conservação.

«Combato a Maçonaria como português que sou, nos termos precisos em que o fiz.

Nesta hora em que palpita, irrompe, aqui e além, no culto do passado, no interesse pelos trabalhos de investigação, nos estudos históricos, no carinho pelas nossas indústrias regionais, um balbuceio ansioso de ressurgimento, combato

essa fresta aberta sobre os interesses estrangeiros.

Sociedade de beneficência, dizem!...

- E porque se ocultam!

Associação que procura estreitar os laços de solidariedade e de amor entre os homens, proclamam!...

- E por que se escondem?»





32 - Esaguy, José de — Cartas do diplomata Jorge Pedro Colaço, sobre um empréstimo de 100 = 100 mil pezos duros negociado com o Imperador Marroquino Muley Sleiman, por ordem da Junta Suprema do Algarve: empréstimo frustado pelas intrigas de Napolião Buonaparte e indiscrição de Manuel O' Filho. Tanger et Fés, Les Editions Internationales, 1937, 62;[1] p., 27 cm. Capa brochada, folhas ainda por abrir, bom estado de conservação.

«José de Esaguy 1899-1944, foi diplomata e arabista.

Formado em Ciência Política pela Universidade de Toulouse, exerceu inicialmente o jornalismo. Em 1934, foi nomeado Chanceler do Consulado de Portugal em Tânger.

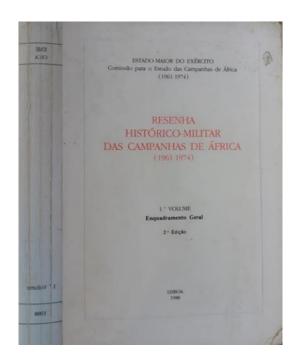
Interessado pela história de Marrocos e pelas relações luso-marroquinas,

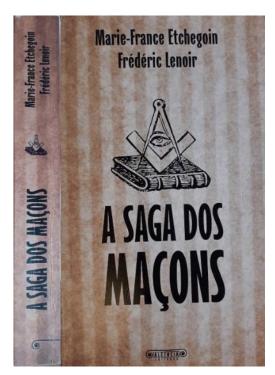
dedicou a esses temas vários estudos. Foi membro da Sociedade de Geografia de Lisboa. Pelos seus serviços foi condecorado em Marrocos.»

18€

33 - Estado-Maior do Exército; Comissão para o Estudo das Campanhas de África. Resenha histórico-militar das campanhas de África, 1961-1974. Lisboa, Beira Douro, 1988, 1º volume: Enquadramento geral, 532;[5] p., ilustrado várias folhas desdobráveis com mapas e relatórios, 24 cm. Capa brochada, bom estado.

Autores deste volume: Manuel Freire Themudo Barata; Henrique António do Nascimento Garcia; Manuel dos Santos Moreira, António Gomes Baptista Ferro; António Vaz Antunes; Fernando dos Reis Fernandes Caldeira; António Lopes Pires Nunes.





34 - Etchegoin, Marie France; Frédéric Lenoir – A saga dos maçons. Lisboa, Alêtheia, 2012, 470 p., 22 cm. Capa brochada, como novo.

«A franco-maçonaria suscita desde sempre um misto de fascínio e de assombro. Marie-France Etchegoin e Frédéric Lenoir investigaram as origens desta sociedade secreta. Como e porquê nasceu? Quais são os seus rituais e ensinamentos e as suas ligações à religião, ao esoterismo e à política? Quem a constitui? Esta investigação revela uma aventura humana formidável dos seus protagonistas, célebres ou anónimos e as suas utopias. Guerras, revoluções, conspirações, na Europa e nos Estados Unidos da América...

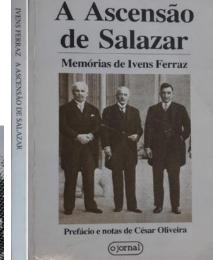
Esta saga, que se lê como um romance, desmascara igualmente os preconceitos e as lendas que envolvem esta sociedade secreta, numa leitura apaixonada para todos os que se interessam pela verdadeira história da franco-maçonaria.»

20€

35 Faria, Leandro Dorea Caceres Catastrophe de Portugal na deposição d'El-Rei Affonso o Sexto e subrogação do Principe D. Pedro o Unico, justificada nas calamidades publicas: escrita para justificação dos portugueses, por Leandro Dorea Caceres e Faria. [Em Lisboa, a custa de Miguel Manescal mercador de livros na Rua Nova, 1669], <u>1ª edição e</u> única, 267;[1] p., 20 cm. Encadernação inteira de pele da época, com falta de parte inferior da folha de rosto e do canto inferior esquerdo da primeira folha que corresponde à Dedicatória ao Leitor, bom estado de conservação.

«Fernando Correia de Lacerda (1628 — 1685), bispo do Porto, clérigo e político, influente no processo que levou à destituição do rei D. Afonso VI de Portugal. É o autor da obra "Catastrophe de Portugal, na deposição d'el rei D. Affonso o Sexto", que assinou com o pseudónimo Leandro Dorea Caceres e Faria, um anagrama do seu nome.» 300 €



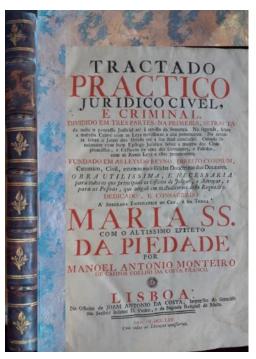




36 - Ferraz, Ivens – A ascensão de Salazar: memórias de seis meses de governo –1929 – do general Ivens Ferraz. Lisboa, O Jornal, 1988, prefácio e notas de César Oliveira, 207 p., VI páginas com ilustrações em folhas extra texto, 21 cm. Capa brochada, bom estado de conservação.

«O general Ivens Ferraz foi presidente do antepenúltimo Governo da Ditadura Militar, entre Julho de 1929 e Janeiro de 1930. Quase 60 anos mais tarde, publicam-se as suas memórias, até agora inéditas, que se revestem da maior importância pelo que revelam do período em que se verificou a verdadeira ascensão — que o conduziria ao poder ditatorial — de Oliveira Salazar.»

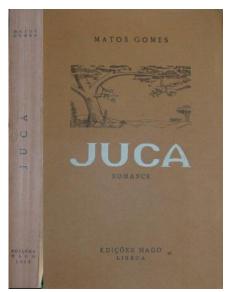
10€



37 - Franco, Manoel António Monteiro de Campos Coelho da Costa — *Tractado practico juridico civel, e criminal: dividido em três partes...fundado em leys do reyno, direito commum, canonico, civil, e com as mais sólidas doutrinas dos doutores.* Lisboa, Officina de Joam Antonio da Costa Impressor do Serenissimo Senhor Infante D. Pedro, e da Sagrada Religião de Malta, 1765, [8];393 p., 30 cm. Encadernação inteira de pele da época, bom estado.

Dividida em três partes: na primeira, se trata de todo o processo judicial até á revista da Sentença. Na segunda, sobre a matéria Crime com as Leys novíssimas a elle pertencente. Na terceira sobre o Juizo dos Orfaõs até a sua final conclusaõ. Ornado finalmente com hum Epilogo Juridico sobre a matéria dos Compromissos, e Cessoes de bens dos Devedores, e Fallidos, com as Reaes Leys a eles pertencentes.

38 - Gomes, (Francisco) Matos – *Juca: romance*. Lisboa, Edições Mago, 1958, <u>1ª edição</u>, 270;[1] p., 22 cm. Capa brochada, bom estado bom estado de conservação.



«Matos Gomes, autor de vários ensaios sociológicos e históricos, é dono de um estilo vivo, directo e original, que mais se evidência quando aborda a novela ou o romance.

"Juca", o romance que acaba de ser apresentado ao público por Edições Mago é, sem dúvida, o seu melhor trabalho literário não apenas pela maneira como a história, bem imaginada, é contada, mas também pelo relevo que dá aos seus personagens. A figura de Juca, ou seja, no seu nome verdadeiro, Júlia Maria, é a mais completa, a mais bem estudada e aquela que mais desperta o nosso interesse, Matos Gomes fez dela uma verdadeira criação.

E se o romancista conquista a nossa atenção, com a sua maneira de contar com naturalidade, o escritor impõe-se pela boa qualidade da sua prosa.»

30€







39 - Gonçalves, Caetano – O estado da Índia. Lisboa, Sociedade de Geografia de Lisboa, 1947, 89;[2] p., ilustrado com fotos, 21 cm. Capa brochada, bom estado de conservação.

Índice:

História — Clima, superfície, população — Produção agrícola — Actividade industrial — Emigração e suas causas — Administração pública — Instrução e cultura — O movimento Pan-Indiano e suas consequências na paz interna.







40 - Gouveia de O.S.A., D. Frei António - Iornada do Arcebispo de Goa Dom Frey Aleixo de Menezes



Primaz da India Oriental, religioso da Ordem de S. Agostinho. Quando foy as Serras do Malauar, & lugares em que morão os antigos Christãos de S. Thome, & os tirou de muytos erros & heregias em que estauão, & reduzio à nossa Sancta Fè Catholica, & obediencia da Santa Igreja Romana, da qual passaua de mil annos que estauão apartados. Recopilada de diuersos tratados de pessoas de autoridade, que a tudo forão presentes, Por Frey Antonio de Gouuea Religioso da mesma Ordem de Santo Agostinho, lente de Theologia, & Prior do Conuento de Goa. Dase noticia de muytas cousas notaueis da India, de que a não auia tão clara. Dirigida ao Reuerendissimo Senhor Dom Frey Agostinho de IESV Arcebispo, & Senhor de Braga, Primaz das Hespanhas Religioso da mesma Ordem. Em Coimbra, Na Officina de Diogo Gomez Loureyro, Impressor da Universidade, 1606, [6];152;[2] p., 26 cm. JUNTO COM: Synodo diocesano da Igreja e Bispado de Angamale dos antigos christãos de Sam Thome das Serras do Malauar das partes da India

Oriental, celebrado pelo Reverendissimo Senhor Dom Frey Aleixo Menezes, Arcebispo Metropolitano de Goa primaz da India e partes Orientaes Sede vagante do dito Bispado... aos 20. dias do mes de junho da era de 1599... Em Coimbra, Na Officina de Diogo Gomez Loureyro, impressor da Universidade, 1606, [2];62 p., 26 cm. JUNTO COM: Missa de qve vsam os antigos christãos de São Thome do Bispado de Angamale... [18] p., 26 cm. Encadernação inteira de pergaminho da época, alguns sinais de traça junto às margens, não comprometendo o texto, bom estado de conservação.

«A obra descreve a viagem pastoral do Arcebispo de Goa à ancestral comunidade de cristãos de S. Tomé da Serra do Malabar, que seguiam o tradicional rito sírio-caldaico. Da maior importância para a história desta Igreja Cristã do Oriente, da qual anteriormente pouco ou nada se sabia. O autor (séc. XVI-1628), natural de Beja, professou em 1591 nos Eremitas de Santo Agostinho, no Mosteiro da Graça de Lisboa; em 1602 integra uma embaixada ao Xá da Pérsia cujo relato se pode ler no livro III da presente Jornada; pouco depois foi nomeado bispo de Cirene e Núncio Apostólico junto do Xá da Pérsia.» - Pedro Azevedo 900 €



41 - Heitor de Mascarenhas – *Habitação do colono: alguns conselhos práticos.* Lisboa, Sociedade de Geografia de Lisboa, 1945, 45 p., 21 cm. Capa brochada, bom estado de conservação.

«O objectivo do opúsculo sobre a casa do colono, é respeitante à sua habitação nas terras, por via de regra deles desconhecidas, onde desejem ir exercer a sua actividade.

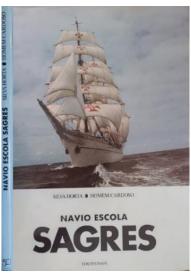
Por consequência, não se pretende

tratar em toda a sua vastidão, que não é pequena, o problema da habitação do colono.»

15€









42 - **Horta, Silva** - **Navio Escola Sagres: nas rotas do mundo.** Lisboa, Inapa, 1990, fotografia de Homem Cardoso, tradução de Gatrim, texto em português, inglês e francês, 139 p., ilustrado, 32 cm. Encadernação original do editor, com sobrecapa, bom estado de conservação.

«O Navio Escola Sagres é o principal navio-escola da Marinha Portuguesa. O atual Sagres é o terceiro navio com esse nome a desempenhar funções de instrução náutica na Marinha Portuguesa, sendo por isso,

também conhecido por Sagres III, é o navio mais conhecido desta componente das Forças Armadas de Portugal, identificado pelas suas velas ostentando a cruz da Ordem de Cristo. Este navioescola tem como missão permitir o treino e o contacto com a vida no mar aos cadetes da Escola Naval, futuros oficiais da Marinha Portuguesa. Complementarmente, é utilizado na representação nacional e internacional da Marinha e de Portugal.»









43 - *Infante D. Henrique*. Lisboa, E. N. P., 1960, edição comemorativa do Quinto Centenário da Morte do Infante D. Henrique, introdução de Fernando de Quintanilha e Mendonça Dias, direcção artística de Frederico Marjay, texto de Costa Brochado, Vitorino Nemésio, padre Maurício s. j., Joaquim Bensaúde, Damião Peres, Teixeira da Mota, Frederico Marjay, 94;LVI;[4] p., muito ilustrado, 30 cm.

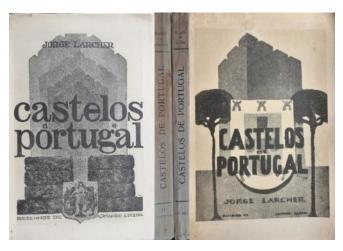
Encadernação original do editor, sobrecapa com alguns restauros, bom estado de conservação.

«Ao Infante D. Henrique se deve o impulso inicial dos descobrimentos e o subsequente desenvolvimento metódico e persistente da navegação oceânica que deu "novos mundos ao mundo", pós em contacto civilizações diversas e distantes e ligou o Ocidente ao Oriente.»









44 - Larcher, Jorge das Neve - Castelos de Portugal. Lisboa, Imprensa Nacional, 1933, 1935, I volume: Distrito de Leiria, 241;[1] p., volume II: Distrito de Coimbra, IX;470;[1] p., ilustrados com fotos, mapas e desenhos de Armando de Lucena, 25 cm. COMPLETO. Capa brochada, bom estado.

«Muitas das mais antigas e nobres páginas da



história da nacionalidade portuguesa estão gravadas nos seculares granitos que formam as muralhas dos velhos castelos solitários...»

45€



45 - Liam, Duarte Nunes do — Chronica dos Reys de Portugal reformada pello licenciado Duarte Nunes do Liam, Dezembargador da Caza da Supplicação: offerecida ao Senhor D. Miguel de Portugal Conde de Vimiozo, &C. Lisboa, Na Officina de Francisco Villela, & à sua custa, 1677, 1ª edição, [4];205;[14] p., 29 cm. Encadernação inteira de pergaminho, bom estado de conservação.

«Sahio à luz com tanta fortuna, em a comum aceitação, no anno de 1600, este livro, em que o Doutor Duarte Nunes de Liaõ escreveu as vidas dos primeiros nove Reys de Portugal, & seu progenitor o Conde D. Henrique, que se gastaraõ de forte os que se

imprimiraõ, que há muitos anos, em que se naõ achava mais que o dezejo dos que os procuravaõ: Cõ o que me resolvi por fazer â pátria algum serviço, a imprimir outra vez esta historia igualmente aceita pella matéria, que pelo estilo.»





46 - Lopes, António – Da rosa, da fénix e do pelicano ou compreender o ritual do 1º ao 18º grau do Rito Escocês Antigo e Aceito. Lisboa, Campo da Comunicação, 2013, 239 p., ilustrado com desenhos, 23 cm. Capa brochada, como novo.

Inclui ainda postal dos 200 Anos do Grande Oriente Lusitano, com respectivo selo comemorativo.

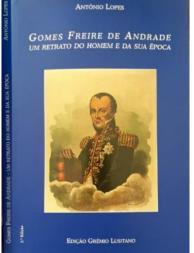
«Com esta obra, também não se pretende compreender

apenas o ritual do 18º grau do Rito Escocês Antigo e Aceito, porque para isso existem já inúmeras publicações, mas antes perceber a lógica filosófica do rito, o porquê de algumas características que marcam o ritual e o rito desde os primeiros graus. Ao mesmo tempo pretende-se dar a conhecer a origem e a justificação de alguns passos do ritual, desde o primeiro grau, que, entretanto, se perderam à medida que nos afastamos no tempo em relação à sua génese.» 60 €











47 - Lopes, António – Gomes Freire de Andrade: um retrato do homem e da sua época. Lisboa, Grémio Lusitano, 2003, prefácio de António Arnaut, 155 p., 23 cm. Capa brochada, como novo.

«Falar de Gomes Freire de Andrade significa abordar uma personagem do imaginário português, perdida no tempo longínquo dos primeiros anos do século XIX. Militar distinto cujos méritos foram reconhecidos na sua época, quer em termos nacionais, quer internacionais, interventor político e social, Grão-Mestre da Maçonaria portuguesa, pagou com a vida os seus ideais e os ódios gerados pelos confrontos entre as várias facções políticas existentes na época, algumas da quais claramente assumiram a sua aversão à Maçonaria e a quaisquer ideias liberais.»









48 - Lopez, Fernam; Gomez Eannes d'Azurara — Chronica Delrey D. Joam I de boa memoria e dos Reys de Portugal o decimo. Primeira parte: em qve se contem a defensam do Reyno atè ser elito Rey. Offerecida a Magestade Delrey Dom Joam o IV. N. Senhor de miraculosa memoria, composta por Fernam Lopez. Em Lisboa, a custa de Antonio Alvarez Impressor DelRey, 1644, 1ª edição, 3 tomos (num volume), Primeira parte: em qve se contem a defensam do Reyno atè ser elito Rey. Offerecida a Magestade Delrey Dom Joam o IV. N. Senhor de miraculosa memoria, composta por Fernam Lopez, [8];412;[8] p., Segunda parte: em que se continuam as guerras com Castella, desde o principio de seu Reynado atè as pazes. Offerecida a Magestade Delrey Dom Joam o IV. N. Senhor de miraculosa memoria, composta por Fernam Lopez. Em Lisboa, a custa de Antonio Alvarez Impressor DelRey, 1644, [8];466;[10] p., Parte terceira: em que se contem a tomada de Ceita. Offerecida a Magestade Delrey Dom Joam o IV. N. Senhor de miraculosa memoria. Composta por Gomez Eannes d'Azurara Chronista mór destes Reynos, & impressa na linguagem antiga. Em Lisboa, a custa de Antonio Alvarez Impressor DelRey, 1644, [12];307;[7] p., 30 cm. Encadernação inteira de pergaminho da época, bom estado de conservação.

«Fernão Lopes (1418–1459), em 1419, foi citado como "escrivão dos livros" de D. João I, e deve ter sido por esta altura que foi incumbido por D. Duarte de colocar os feitos dos reis portugueses na forma de crónica. Continuou como cronista oficial durante a regência do Infante D. Pedro e o governo de D. Afonso V. Em 1443, é atestado a terminar a primeira parte da Crónica de D. João I, e, em 1448, D. Afonso nomeia Gomes Eanes de Zurara cronista oficial do Reino em seu lugar, mas ao que parece Fernão Lopes continuou a trabalhar com o seu sucessor durante algum tempo. Permanecia, porém, guarda-mor da Torre do Tombo, como comprova uma tença outorgada pelo rei nesse ano. É considerado um renovador do género da crónica histórica, um dos precursores da historiografia científica e o fundador da historiografia portuguesa.» 2500 €









49 - Loureiro, Adolpho – No Oriente: de Napoles á China (diário de viagem). Lisboa, Imprensa Nacional, 1896-1897, 2 volumes, 1º volume: 369;[1] p., 2º volume: 419;[1] p., ilustrações a encimar e encerrar os capítulos, 26 cm. Encadernação inteira de tela da época, bom estado de conservação.

«Da comissão official, ao desembarcar em Lisboa, apresentei ao governo os meus relatórios, que estão impressos em três volumes. Do meu diário particular, do sacrário onde depositara, as minhas saudades e confortos, restam-me dez volumes manuscritos, destinados a não sair jamais da gaveta da minha mesa de trabalho.»

«No desempenho de uma commissão de serviço publico saí de Portugal em Abril de 1883, e, depois de haver visitado diversos portos commerciaes de França, da Bélgica, da Hollanda, da Allemanha, da Itália e da Áustria, embarquei em Nápoles com destino à Índia ingleza, de onde segui viagem para a China pelos estreito de Malaca, tocando em Ceylão e Singapura.

Demorei-me em Macau seis mezes, e, passando no meu regresso por Saigon e por Batavia, dirigi-me a Calcutta, visitando Madrasta e Poondichery, e subindo o Hoogly até à capital da Índia britannica. Atravessando a península indostanica, e tocando em Benares, visitei Agra e Delhi, e tomei em Bombaim passagem para a Europa pelo Mar Vermelho e canal de Suez. De Génova, onde desembarquei, segui para Paris por Milão e pelo Monte Cenis, e passei à Gran-Bretanha, visitando Londres, Newcastle, Edinbourg, Glasgow, Liverpool e Southampton, d'onde voltei embarcado directamente para Lisboa.» 120 €



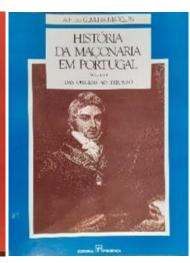
50 - Marques, A. H. de Oliveira – A maçonaria portuguesa e o Estado Novo. Lisboa, Publicações Dom Quixote, 1975, 336;[22] p., ilustrado, 21 cm. Capa brochada, bom estado de conservação.

«Poucas são as associações, no passado ou na actualidade, de que se saiba tão pouco ou de que se tenha ideias tão erradas como da Maçonaria.»

«O excelente estudo introdutório, a documentação reunida, as notas e a biografia inseridos no volume darão ao leitor ideias mais claras sobre a Maçonaria. Ideias essas que contribuíram, aliás, para clarificar muitos outros fenómenos da nossa história contemporânea.»









51 - Marques, A. H. de Oliveira – *História da maçonaria em Portugal*. Lisboa, Editorial Presença, 1990, 1996, 1997, 3 volumes, 1º volume: **Das origens ao triunfo**, 480;[1] p., [46] páginas ilustradas em folhas extra texto, 2º volume: *Política e maçonaria: 1820-1869 (1º parte)*, 502;[1] p., [10] páginas ilustradas em folhas extra texto, 3º volume: *Política e maçonaria: 1820-1869 (2º parte)*, 667;[2] p., ilustrado em folhas extra texto, 25 cm. Capa brochada, como novo.

«A História da Maçonaria em Portugal, no primeiro século da sua existência, é a história de uma minoria perseguida. Fazê-la obriga a um conhecimento íntimo, não só dos eventos e das estruturas, mas também da vivência e da prática maçónica, que só um iniciado poderá completamente possuir.

Acresce a estes considerados que boa parte dos historiadores não-maçons visam objectivos que de histórico nada têm. Muitos deles, declarada ou encapotadamente, procuram contestar a obra da Maçonaria.»



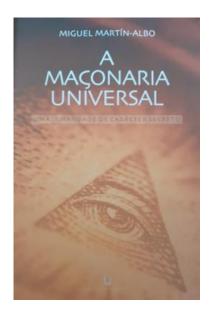




52 - Martín-Albo, Miguel – *A maçonaria universal: uma irmandade de caracter secreto.* Lisboa, Bertrand Editora, 2005, tradução de Salvato Telles de Menezes, 251 p., 23 cm. Capa brochada, como novo.

«Este livro, escrito com raras imparcialidade e amplitude histórica, pretende abordar as práticas que essas associações de "homens livros e de bons costumes" têm vindo a desenvolver ao longo dos séculos, penetrando, tanto quanto possível, o seu significado simbólico.»

18 €



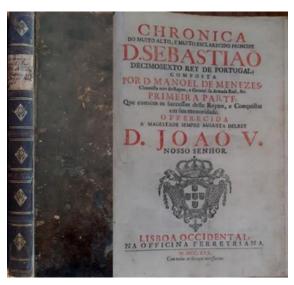






53 - Martins, Rocha – O Marquês de Pombal: pupilo dos jesuítas. Coimbra, Lymen; Imprensa Internacional Editora, 1924, XXVI;256 p., ilustrado, 20 cm. Capas brochadas, bom estado de conservação.

«A maior afronta que se pode fazer à Liberdade é dar-lhe por filho quem sempre a combateu; é acolher sob o seu manto aqueles cujos lábios jamais pronunciaram, sinceramente o seu nome. Foi o que a tolerância de uns e a ignorância de muitos deixou que se fizesse da memória do marquês de Pombal.» 25 €





54 - Menezes, Manoel de — Chronica do muito alto e muito esclarecido Principe D. Sebastião Decimosexto Rey de Portugal, primeira parte, que contém os sucessos deste reyno e conquistas em sua menoridade: oferecida à Magestade sempre Augusta Delrey D. João V, Nosso Senhor. Lisboa Occidental, Officina Ferreyriana, 1730, [22];392 p., 30 cm. Encadernação inteira de pele da época, bom estado de conservação.

«Compreendendo esta Primeira Parte desde os últimos tempos delRey D. João o III de quem dou huma noticis preliminar, até que ElRey D. Sebastião principiou a governar o Reyno, depois das regências da Rainha Dona Catharina sua avó, e do Infante Cardeal D. Henrique seu tio, em quem a Rainha tinha cedido o governo.

Na Segunda Parte, que se principia a imprimir se achará todo o governo delRey D. Sebastiaõ, livre já das tutelas, até a funesta batalha de Africa, referindo depois della as tristes consequencias daquella fatalidade.»





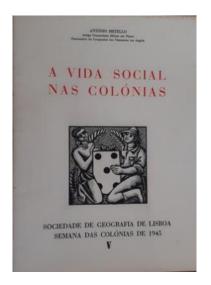


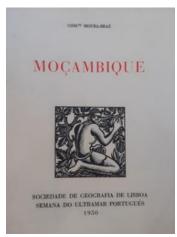
55 - Metello, António – *A vida social nas colónias*. Lisboa, Sociedade de Geografia de Lisboa, 1945, 32 p., 21 cm. Capa brochada, bom estado de conservação.

«A vida do Ultramar não engana. Revela os homens como eles são na verdade.

Como foi possível passarem por cá desapercebidos? É que o exílio, o sertão, é um prisma novo, é uma reacção estranha: ou traz as almas cá fora, ou leva os olhos lá dentro.»

15€









56 - Moura-Braz – *Moçambique***.** Lisboa, Sociedade de Geografia de Lisboa, 1950, 106 p., ilustrado com fotos e mapa, 21 cm. Capa brochada, bom estado de conservação.

Sumário:

Situação e limites — Geografia física — Meteorologia e clima — População — Constituição administrativa — Serviços militares — Justiça — Saúde pública — instrução e cultura — Produção mineira, agrícola, florestal e pecuária — Indústrias — Vias de comunicação — História.

57 - Noronha, Eduardo de – Os Marechais de D. Maria II: Saldanha, Terceira e Santa Maria; a história e a anedota. Lisboa, João Romano Torres & C.ª – Editores, s/d, 297;[5] p., 19 cm. Capa brochada, com algumas manchas de humidade, bom estado de conservação.

«Este livro contém três figuras do máximo prestígio no agitado tablado de Portugal desde o Cêrco do Pôrto até à revolução da "Maria da Fonte" 1832-1846, quatroze anos de extrema intensidade no período de maior movimento político, romântico, social e militar da nossa existência como nação independente.»

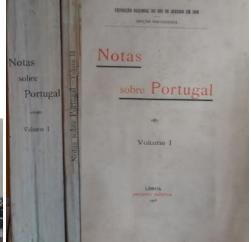
25€





58 - *Notas sobre o tratado de Methuen.* Lisboa, Anuário - Oficinas Gráficas, 1940, separata do Jornal (edição especial colonial) The Anglo - Portuguese News, 8 p., 24 cm. Capa brochada, com alguns picos de humidade, bom estado geral.

«Foi bom? Foi mau? Em Portugal só ultimamente houve quem fosse ler e comparar os textos e os números. O facto que subsiste através de todas as críticas, por mais fundadas que pareçam, é que Inglaterra continua a ser o melhor mercado para os vinhos do Pôrto, que os capitais ingleses predominam no comércio do Norte de Portugal, que o gosto pelo Pôrto em Inglaterra é tal que na própria conferência de Ottawa se fez uma excepção para estes vinhos.» 8 €





59 - Notas sobre Portugal: Exposição Nacional do Rio de Janeiro; secção portuguesa. Lisboa, Imprensa Nacional, 1908-1909, 2 volumes, volume I: advertência preliminar de António Teixeira Júdice, VIII;814 p., volume II: advertência preliminar de António Arroyo, XVI;292;[1] p., muito ilustrados com numerosas fotos, no texto e em folhas extra texto, gráficos e mapas desdobráveis a cores, 27 cm. COMPLETA. Capa brochada, bom estado de conservação.



Com a colaboração de inúmeros e prestigiados autores: António Teixeira Júdice, Silva Telles, Arthur da Fonseca Cardoso, António Arroyo, João Barreira, A. A. Rocha Peixoto, Manuel Roldan, Augusto Nobre, João da Mota Prego, Adolfo Coelho, Curry Cabral, Joaquim de Vasconcelos, Ernesto Vieira, etc.



«O presente livro teve que ser dividido em dois tomos, destinado o primeiro à nossa vida scientifica, industrial, agrícola e commercial, e o segundo simplesmente à expressão esthetica do país em si e dos trabalhadores portugueses.»







60 - Novo almanach de lembranças Luso-Brazileiro para o anno de 1873, ornado de gravuras com o retrato e o elogio biographico do Sr. António Gonçalves Dias. Enriquecido com differentes tabellas e materias d'interesse publico por Antonio Xavier Rodrigues Cordeiro. Lisboa, Lallemant Fréres Typ., 1872, 383 p., ilustrado, 12 cm. Capa brochada, bom estado de conservação.

61 - Novo almanach de lembranças Luso-Brazileiro para o anno de 1874, ornado de gravuras com o retrato e o elogio biographico do Sr. L. A. Rebello da Silva.

Enriquecido com differentes tabellas e materias d'interesse publico por Antonio Xavier Rodrigues Cordeiro. Lisboa, Lallemant Fréres Typ., 1873, 399 p., ilustrado, 12 cm. Capa brochada, bom estado de conservação.



62 - Novo almanach de lembranças Luso-Brazileiro para o anno de 1877, ornado de gravuras com o retrato gravado em aço e o esboço biographico do Visconde de

Castilho. Enriquecido com differentes tabellas e materias d'interesse publico por Antonio Xavier Rodrigues Cordeiro. Lisboa, Lallemant Fréres Typ., 1876, 399 p., muito ilustrado, 12 cm. Capa brochada, bom estado de conservação.

63 - Novo almanach de lembranças Luso-Brazileiro para o anno de 1880, ornado de gravuras, notavelmente accrescido com materia de utilidade pratica, com o

retrato gravado em aço e o elogio biographico do insigne escritor José Feliciano de Castilho por Antonio Xavier Rodrigues Cordeiro. Lisboa, Lallemant Fréres Typ., 1879, 287 p., ilustrado, 12 cm. Encadernação original do editor, cansada.



NOVO ALMANACH

LEMBRANCAS



64 - Novo almanach de lembranças Luso-Brazileiro para o anno de 1911, adornado de gravuras, enriquecido com muitas materia de utilidade publica, e com o retrato e biographia do fallecido escriptor portuguez Trindade Coelho por Antonio Xavier Rodrigues Cordeiro. Lisboa, Parceria António Maria Pereira, 1910, 384;VI;[2] p., ilustrado, 12 cm. Encadernação original do editor, bom estado de conservação.

LEMBRANCAS

LUSO-BRAZILEIRO

ARA O ANNO DE 1913 Adriano Xavier Cordeiro

RAYMUNDO CORREA

65 - Novo almanach de lembranças Luso-Brazileiro para o anno de 1913, adornado de gravuras, enriquecido com

muitas materia de utilidade publica, e com o retrato e esboço biographico do fallecido poeta brazileiro Raymundo Corrêa por Adriano Xavier Cordeiro. Lisboa, Parceria António Maria Pereira, 1912, 384;VI;[1] p., ilustrado, 12 cm. Capa brochada, bom estado de conservação.



66 - Novo almanach de lembranças Luso-Brazileiro para o anno de 1918, adornado de gravuras, enriquecido com muitas materia de utilidade publica, e com o retrato e a biographia do fallecido escriptor portuguez António Feijó por O. Xavier Cordeiro. Lisboa, Parceria António Maria Pereira, 1917, 384;VI p., ilustrado, 12 cm. Encadernação original do editor, bom estado de conservação.

67 - Novo almanaque de lembranças Luso-Brasileiro para o ano de 1932, adornado de gravuras, enriquecido

com muitas materias de utilidade publica, e com o retrato e a biografia do falecido poeta brasileiro Hermes Fontes por Armando de Lima Pereira. Lisboa, Parceria António Maria Pereira, 1931, 384;VII;[1] p., ilustrado, 12 cm. Encadernação original do editor, bom estado de conservação.

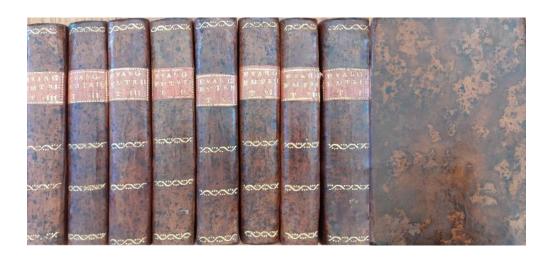
Com a colaboração de inúmeros escritores.

«O Almanaque de lembranças luso-brasileira foi publicado em Lisboa de 1851 a 1932.

Com uma circulação de até 24.000 exemplares, ofereceu um grande painel de textos de todos os países de língua portuguesa, incluindo vários de autores cabo-verdanos.

Originalmente, foi editado por Alexandre Magno de Castilho (1835-1871) e seus parentes. Em 1871, após a morte de Alexandre, o Almanaque assumiu então o título de Novo Almanach de Lembranças Luso-Brazileiro..., com o editor principal António Xavier Rodrigues Cordeiro (1819-1896), uma figura importante no movimento ultrarromântico português e editor à frente do Almanaque desde 1861. Com a morte deste último, em Dezembro de 1896, foi substituído por seu sobrinho, António Xavier de Sousa Cordeiro (1844-1903), editor do Almanaque desde 1895. Em 1903, filho deste último, Adriano Xavier Cordeiro (1880-1919) assumiu a edição até 1917, dois anos antes da sua morte. Foi a sua irmã, Olivia Xavier Cordeiro (1875 - ?) que então assumiu a direção do Almanaque.»

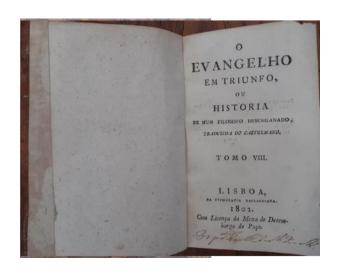
20 € (cada)



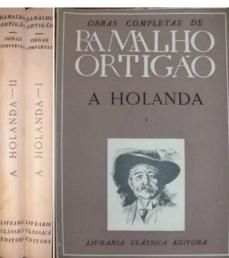
68 - [Olavide, Pablo de] – O Evangelho em triunfo ou historia de hum filosofo desenganado. Lisboa, na Typografia Rollandiana, 1802, 8 volumes, traduzida do castelhano por [António Caetano Amaral], tomo I: XXXIV;408 p., tomo II: 371 p., tomo IV: 373 p., tomo V: 392 p., tomo VI: 371 p., tomo VII: 365 p., tomo VIII: 380;[4] p., 15 cm. Encadernação inteira de pele da época, bom estado de conservação.

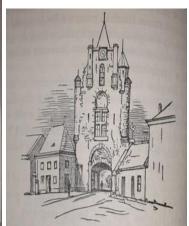
«Pablo de Olavide y Jáuregui (Lima, Vice-Reino do Peru, 25 de Janeiro de 1725 — Baeza, Espanha, 25 de Fevereiro de 1803) político, advogado e escritor espanhol. Estudou na Universidade San Marcos de Lima. Obteve um doutoramento em Teologia em 1740 e uma licenciatura em Direito em 1742. Suas supostas políticas reformistas provocaram a oposição da opinião mais conservadora. E a Inquisição Espanhola acusou-o de impiedade e heresia em 1775.»

«A condenação do processo inquisitorial que foi instruído contra Pablo de Olavide, contribuiu para espalhar sua fama por todo o continente europeu. O movimento intelectual iluminista apresentou-o por toda a Europa como vítima dos inimigos da razão. Embora tenha dado à imprensa várias obras nos seus últimos anos de vida, foi o "Evangelho em Triunfo" que o consagrou como um dos autores mais lidos da primeira metade do século XIX. Quase vinte edições em espanhol e a sua tradução para cinco outros idiomas (francês, português, italiano, alemão e russo), mostram sua excepcional recepção.» 80 €









69 - Ortigão, Ramalho – A Holanda. Lisboa, Livraria Clássica Editora de A. M. Teixeira, 1947, 2 volumes, tomo I: 245 p., tomo II: 254 p., ilustrados com desenhos, 19 cm. Encadernação inteira de tela da época, com capas de brochura, bom estado de conservação.

«Escritor, jornalista, bibliotecário da Biblioteca da Ajuda, oficial da secretaria da Academia Real das Ciências, logo se afirmou um espírito cintilante e pitoresco, revelando as altas qualidades que lhe deviam dar nas letras um lugar tão especial.

Ramalho não acusa nem cansaço, nem esmorecimento. É o mesmo artista de sempre, o burilador delicioso da frase, o anotador pitoresco e alegre, o crítico austero e delicado, o ironista delicioso e brilhante. Duma grande exuberância de fantasia e conhecendo perfeitamente a sua língua, que maneja com abundância e gosto, Ramalho é um dos escritores mais notáveis da sua geração. A sua prosa elegante, tersa, plástica, cheia de cor e de harmonia, é inconfundível como a sua personalidade.»





70 - Pacheco, R. P. M. Fr. Miguel — Vida de la Serenissima Infanta Doña Maria Hija DelRey D. Manoel, fundador de la insigne Capilla mayor del Covento de N. Señora de la Luz, y de su Hospital, y otras muchas casas dedicadas al culto divino. Lisboa, En la Officina de Juan de la Costa, a costa de Miguel Manescal Libreiro de S. Alteza, 1675, [8];204;[5] p., 30 cm. Encadernação inteira de pergaminho, com mancha na parte inferior nas folhas iniciais, bom estado de conservação.

«Fr. MIGUEL PACHECO, natural da Cidade de Coimbra, Religioso da Ordem militar de Christo, que professou em o Real Convento de Thomar a 7 de Março de 1606, onde ensinou com aplauso aos seus domesticos, as Sciencias severas em que era insigne. Naõ mereceo menor gloria pelo conhecimento que teve dos preceitos da Historia que praticou com felicidade, como pelas vastas noticias que adquirio da Ordem militar de Christo que professava. Exercitou o Officio de Procurador Geral da sua Ordem nas Cortes de Lisboa, e Madrid,

sendo nesta Provedor, e Administrador perpetuo do Hospital de Santo Antonio dos Portuguezes, onde falleceo em o anno de 1668, e jaz sepultado no mesmo Hospital.»

«Maria, Infanta de Portugal (Lisboa, 8 de junho de 1521 - Lisboa, 10 de outubro de 1577), 6.ª Duquesa de Viseu, filha de D. Manuel I e da sua terceira esposa, Leonor da Áustria.

João de Barros descreveu-a como culta, digna e séria, diz-se que a sua personalidade era semelhante à da mãe, patrona e amante das artes, chegou a ser a mulher mais rica de Portugal.

Escreveu várias cartas e pelo menos um manuscristo "Christianissimae Galliarum Reginae Eleonora, Matri pientissima Maria obsequentissima filia salutem."

Além de bonita e simpática, a infanta era muito rica, detentora de enormes rendas, inúmeros negócios e muitos tesouros. Não lhe faltavam, portanto, pretendentes, tendo ao longo da vida recebido oito propostas de casamento. Foi, talvez, por ser muito rica que D. João III e os seus diplomatas nunca deixaram que ela se casasse ou que saísse de Portugal, pois estimava-se que, sendo o seu dote tão grande, isso resultaria num

prejuízo de cerca de um milhão de cruzados, um valor incomportável para o tesouro real.

Patrocinou e financiou em 1568 a construção de uma igreja dedicada a receber o relicário de Engrácia de Saragoça, construção essa que seria reformulada quase na totalidade após um grande temporal, a partir de 1682. A igreja é conhecida como Igreja de Santa Engrácia, tendo hoje o estatuto de Panteão Nacional. A partir de 1575, patrocina igualmente conversão de uma ermida existente, desde 1496, entre as freguesias da Luz e Carnide, em Lisboa, dando origem, desde 1594 (data da conclusão das obras) à Igreja de Nossa Senhora da Luz, em Carnide, Lisboa.

Morreu, sem casar e sem filhos, no dia 10 de Outubro de 1577, em Lisboa. Está enterrada na Igreja de Nossa Senhora da Luz em Carnide, Lisboa.» 1200 €





71 - Paço d'Arcos, Joaquim — Estados Unidos 1942: conferência lida no círculo Eça de Queiroz em 11-3-42. Lisboa, Editorial Império, 1942, 20 p., 24 cm. Com dedicatória do autor. Capa brochada, bom estado de conservação.

«Não pretendo fazer, nuns escassos três quartos de hora, o processo duma civilização. Pretendo contar-vos, sem fantasias de novelista, mas também sem segurança de críticos, já não digo: algo do que vi, porque a visão não se reproduz fielmente em palavras, mas talvez um pouco do que pensei — ao ver. E como vi muito, como vi grandes coisas, neste meu fadário de peregrino, pode ser que o pouco que pensei — ao ver tanto — ainda tenha algum interesse, mal contado por mim.»

12 €







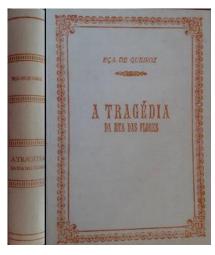
72 - Pereira, Ângelo – As Senhoras Infantas filhas de El-Rei D. João VI: numerosas cartas e documentos inéditos. Lisboa, Editorial Labor, 1938, parte artística de Domingos Bertrand, 175;[2] p., ilustrado com 31 gravuras em folhas extra texto, 25 cm. Com dedicatória do autor. Capa brochada, com picos de humidade, bom estado geral.



«As cartas das Princesas, filhas de D. João VI, são preciosos subsídios para o estudo desse Rei, mais apreciado pelo Brasil do que por Portugal.

Quis o autor fazer preceder a publicação das cartas de um pequeno estudo sobre cada uma das Princesas, pondo-nos em contacto com essas Senhoras que vincaram as suas personalidades tanto em Espanha como em Portugal.

Ângelo Pereira quis aproveitar essa colecção de cartas, quási todas dirigidas a D. João VI, para nos dar a conhecer o valor e o carácter das Infantas e mostrar-nos o carinho que essas Princesas tinham por El-Rei, Seu Pai.»

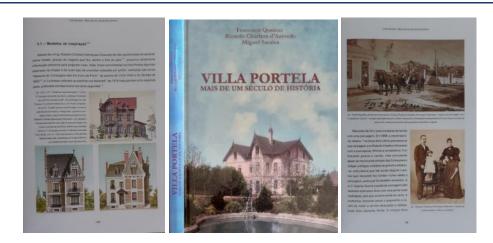




73 - Queiroz, Eça de – *A tragédia da rua das Flores*. Lisboa, Moraes Editores, 1980, fixação do texto e notas de João Medina e A. Campos Matos, 468;[1] p., 25 cm. Exemplar da tiragem numerada. Encadernação original do editor, como novo.

«A tragédia da Rua das Flores ou O Desastre da Travessa do Caldo ou Os Amores de um lindo Moço ou O Caso atroz de Genoveva ou ainda apenas Genoveva — as hesitações quanto ao título vêm do próprio romancista — é um rascunho centenário, porventura sem qualquer leitura posterior, com uma pontuação desleixada, caótica, um esquisso lançado à pressa sobre o papel, sem preocupação de estilo ou de sintaxe. Daí todo o seu encanto e os seus óbvios defeitos. Eça dizia que era "o melhor e mais interessante que tenho escrito até hoje".»

40€



74 - Queiroz, Francisco; Ricardo Charters-d' Azevedo; Miguel Saraiva – *Villa Portela: mais de um século de história*. Leiria, Hora de Ler, 2022, 237 p., muito ilustrado, 31 cm. Encadernação original do editor, livro novo.

«Fundada em finais do século XIX pelo Eng. Roberto Charters Henriques d'Azevedo, a Villa Portela – compreendendo o chalé, o parque e edifícios complementares – é a mais paradigmática propriedade leiriense da Época Romântica.»



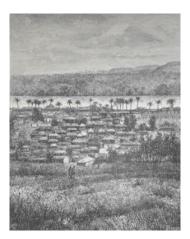




75 - Ribeiro, Manuel Ferreira — A Província de S. Thomé e Príncipe e suas dependências, ou a salubridade e insalubridade relativa das províncias do Brasil, das Colónias de Portugal e de outras Nações da Europa. Lisboa, Imprensa Nacional, 1877, XXXII;705 p., ilustrado com 25 estampas em folhas extra texto e 1 mapa desdobrável, 25 cm. Com dedicatória do autor. Encadernação ½ pele, bom estado de conservação.

Índice:

Geographia – Considerações physicas e moraes dos habitantes da Ilha de S. Thomé – Hygiene publica – Flora pathologica – Historia natural – Meteorologia e climatologia.



«Dr. Manuel Ferreira Ribeiro 1839-1917. Concluiu, com 19 anos, formação em Teologia Dogmática e, depois, na Escola Médico-Cirúrgica do Porto. Parte para S. Tomé, que era, à altura, o território ultramarino mais desprovido de assistência médica.

Começa aí quatro «vidas», a de médico, de investigador, de jornalista e de escritor, que o haveriam igualmente de levar a Angola.

Dedicando-se mais tarde ao ensino, foi professor de Higiene Colonial no Real Instituto de Lisboa e na Escola Superior Colonial. Instalou e dirigiu, no Ateneu Comercial de Lisboa um gabinete de Antropometria. É o precursor, tendo

lançado as suas bases, da higiene colonial, da medicina preventiva e da profilaxia tropical; fundou o

primeiro jornal de S. Tomé – O Equador; foi o primeiro a aplicar, em Portugal, as medidas antropométricas; iniciou a docência de higiene tropical no nosso País; desenvolveu e consolidou a aplicação do quinino no tratamento da malária. Mas não só. Tem frequentes incursões em áreas tão distintas como a Psicologia, a Antropologia e a História.»



atempo@livraria







76 - Rosário, Trovão do; Nuno Nazareth Fernandes — *Espiritualidade, música e maçonaria: Mozart e a flauta mágica*. Lisboa, Hugin, 2002, 95;[5] p., ilustrado, 23 cm. Capa brochada, como novo.

«Qual o quadro em que se situa, ao nível da Espiritualidade, da Música e da Maçonaria, a "Flauta Mágica? Qual a relação entre estes três items e a sua prodigiosa criatividade vivida na Europa do séc. XVIII? Qual a sua influência sobre Mozart e tantos outros músicos maçons? Os "segredos" eventualmente revelados pelo "Divino Amadeus" tiveram alguma relação com a sua prematura morte?»

16€

77 - Salazar, António de Oliveira – *Portugal, Goa e a União Indiana.* Lisboa, Agência Geral do Ultramar, 1956, 40 p., 24 cm. Capa brochada, bom estado de conservação.

«Estudo notável sobre a razão histórica e política da soberana presença de Portugal em Goa como seu território integrante e nacional.» 12 €









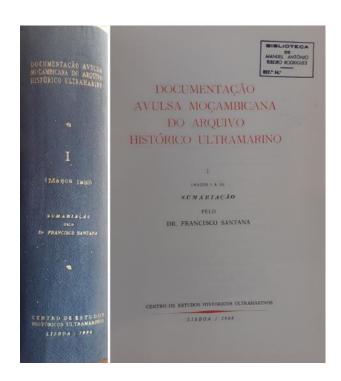
78 - Santa Rita, José Gonçalo – *Colonização de povoamento: breves noções.* Lisboa, Sociedade de Geografia de Lisboa, 1949, 60;[3] p., ilustrado com fotos, 21 cm. Capa brochada, bom estado de conservação.

«Em sentido restrito aplica-se às vezes a palavra colonização unicamente para designar a fixação do colono branco em regiões. É a este tipo de colonização, que nos referiremos nestas breves noções.»
15 €

79 - Santana, Francisco – Documentação avulsa moçambicana do Arquivo Histórico Ultramarino: maços 1 a 10. Lisboa, Centro de Estudos Históricos Ultramarino, 1964, I volume: 1307;[6] p., 25 cm. Encadernação original do editor, bom estado.

«Os "Avulsos" de Moçambique são uma preciosa colecção existente no Arquivo Histórico Ultramarino. Lidam com os mais variados assuntos. Há documentos que se referem a simples rotina militar e administrativa. Outros, porém, captivaram imediatamente a atenção dos leitores.

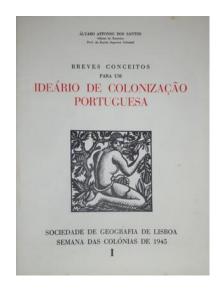
Escolheu-se o método de apresentar esta documentação em breves sumários, aos quais se acrescentaram dois índices: um onomástico e outro geográfico.»



80 - Santos, Álvaro Affonso dos - Breves conceitos para um ideário de colonização portuguesa. Lisboa, Sociedade de Geografia de Lisboa, 1945, 37 p., 21 cm. Capa brochada, bom estado de conservação.

«Paciência, perseverança e esforço são as três condições básicas essenciais. Nenhum povo como o português possui essas qualidades e nenhumas outras são mais necessárias para viver em terras africanas e triunfar no meio inicialmente ingrato e difícil que elas representam para os que ali vão fixa-se ou agenciar a sua existência.»

15€



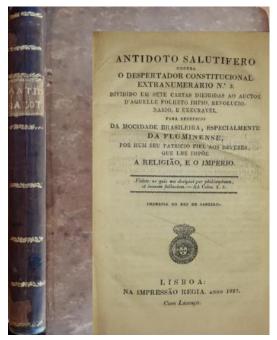


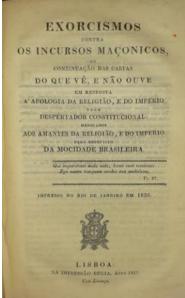


81 - **Santos, Jesus Nunes dos** *– Como o colono se deve preparar para a sua viagem.* Lisboa, Sociedade de Geografia de Lisboa, 1945, 46 p., ilustrado com fotos, 21 cm. Capa brochada, bom estado de conservação.

Pontos curiosos:

Preparação espiritual. — Aptidões físicas e reacção ao quinino. — Idade. — Sexo. — Profissão. — Época da partida. — Vestuário.





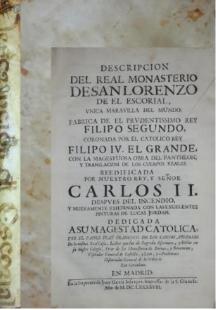
82 - [Santos, Luiz Gonçalves dos] — Antidoto salutifero contra o despertador constitucional extra numerario nº 3. Dividido em sete cartas dirigidas ao auctor d'aquelle folheto impio, revolucionario e execrável. Para beneficio da mocidade brasileira, especialmente da fluminense, por hum seu patricio fiel aos deveres que lhe impoe a religião, e o imperio; Impressa no Rio de Janeiro. Lisboa, Na impressão Regia, 1827, 166 p., 21 cm. JUNTO COM: Exorcismos contra os incursos maçónicos, ou continuação das cartas do que vê, e não ouve em resposta à apologia da religião, e do império pelo Despertador Constitucional: dedicados aos amantes da religião, e do império para benefício da mocidade brasileira; Impresso no Rio de Janeiro em 1826. Lisboa, na Impressão Régia, 1827, 147 p., 21 cm. Encadernação inteira de pele da época, bom estado de conservação.

«O autor é o conhecido Padre Perereca, Luíz Gonçalves dos Santos, 1767-1844, foi um dos principais cronistas do Brasil, jornalista e editor da Imprensa Régia brasileira.»

Obra sobre a maçonaria no Brasil, constituída por 12 cartas, no total das duas obras, que se completam. O Padre Luíz Gonçalves dos Santos insurge-se conta o autor do Despertador Constitucional, Domingos Alves Branco Moniz Barreto, "Com grande prazer, e satisfação dou a V. S. os sentimentos do máo sucesso, que teve na defesa, que fez, da sua decantada, e venerável Ordem Maçonica". 600 €

atempo@livraria



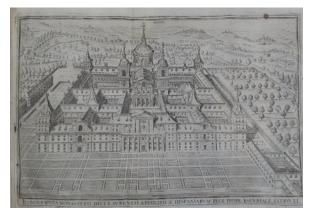




83 - Santos, Padre Fray Francisco de los — Descripcion breve del Monasterio de S. Lorenzo el Real Del Escorial, unica maravilla del mundo. Fabrica de el Prudentissimo Rey Filipo Segundo, coronada por el Catolico Rey Filipo IV. El Grande, con la magestuosa obra del Pantheon, y translacion de los cuerpos reales reedificada por Nuestro Rey, y Señor Carlos II. Despues del incendio, y nuevamente exhornada con las excelentes pinturas de Lucas Jordan. En Madrid, En la Imprenta de Juan Garcia Infançon, 1698, [14];178;[9] p., ilustrado com 10 gravuras, em folhas extra texto sendo 8 desdobráveis, 30 cm. Encadernação inteira de pergaminho, bom estado de conservação.

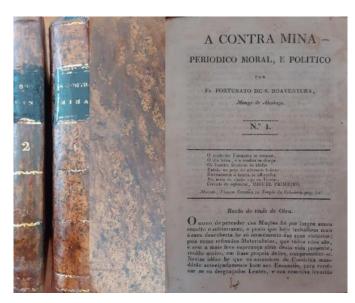
«Francisco de la Plaza Cuéllar, na religião Francisco de los Santos (1617-1699), religioso, músico, escritor e historiador espanhol, membro da Ordem de São Jerônimo e Bispo de Corton eleito em Nápoles. Leitor da Sagrada Escritura no mosteiro de San Lorenzo de El Escorial, duas vezes prior do mesmo mosteiro (1681-1687 e 1697-1699) e Visitador Geral de Castilla y León, continuou a história da ordem iniciada por Frei José de Sigüenza, editando em 1680 a Quarta parte da História da Ordem de São Jerônimo, além de compor alguns autos sacramentais conservados em manuscritos na Biblioteca Nacional da Espanha.»

«É propriamente o primeiro quia histórico artístico de um monumento espanhol, ilustrado com



esplêndidas gravuras de Pedro de Villafranca. O livro é composto por duas partes e um apêndice. A primeira é um resumo da descrição mais extensa fornecida pelo Padre Sigüenza na sua História da Fundação do Mosteiro de El Escorial, incorporada à sua História da Ordem Jerónima, dedicando a segunda parte, a mais original, inteiramente à descrição do Panteão, com detalhes da sua construção e decoração, completando a obra com um resumo estatístico das salas, pinturas, pátios e outros elementos do mosteiro.»







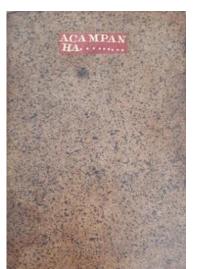
84 - São Boaventura, Fr. Fortunato de (monge de Alcobaça) – *A contra-mina: periodico moral e político.* Lisboa, na Impressão Regia, 1830-1832, 2 volumes, nº 1, 2 Dezembro de 1830 a nº 60, 29 Abril de 1832, contém ainda no 1º volume: *A contra-mina: supranumerária; periodico moral e político* e *Nova contra-mina: supranumerária; periodico moral e político*, 20 cm. Encadernação inteira de pele da época, folhas do 1º volume com algumas manhas de humidade, bom estado geral.

«D. Frei Fortunato de São Boaventura (Alcobaça, 1777 – Roma, 1844), um dos mais prolíficos escritores de temas histórico-filológicos e panfletários políticos da sua época, na área do pensamento contrarevolucionário, correspondente e sócio livre da Academia das Ciências de Lisboa, reformador geral dos estudos e arcebispo de Évora sob D. Miguel, que serviu afincadamente no exílio, Frei Fortunato de São Boaventura, de quem não se conhece o nome secular, constitui um exemplo significativo de autor diversificado e de actor político coerente nas ideias e nos actos.

Vários outros títulos serão publicados na Impressão Régia, como A contra-mina (1830), alguns deles em pleno reinado de D. Miguel e ocupando já Frei Fortunato a função de arcebispo de Évora. Neles, o autor aliava a melhor parenética anti-maçónica à autoridade dos cargos públicos que ocupava, servindo — como José Agostinho de Macedo e outros escritores — de porta-voz oficioso do regime contra o pensamento liberal, embora durante o período liberal e posterior à Vila-Francada.»







85 - Sarrazin, General – A campanha aberta de Portugal escrita em Londres pelo General Sarrazin: traduzida em vulgar por J. A. F. Lisboa, Na Impressão Regia, 1814, 16 p., 21 cm. Encadernação inteira de pele da época, bom estado de conservação.

«General durante as Guerras Revolucionárias Francesas e Napoleônicas. Em 1810 traiu o seu país, revelando segredos militares aos britânicos; condenado à morte, à revelia, só voltou a França após a queda de

Napoleão; no entanto, ofereceu-se para servir durante os Cem Dias, onde foi preso; libertado em 1822, passou o resto da vida no exílio e morreu em Bruxelas.»

«He necessário formar huma idéa, quando

não exacta, muito aproximada do Reino de Portugal, a força armada que o defende, a sua agricultura, o poder dos Éxercitos que o atacão, o terreno que occupão, e o que tem a vencer; e finalmente he necessário fazermos huma combinação entre tudo isto para concluirmos, que se a campanha de Portugal tem durado até hoje sempre com vantagem dos combinados, he porque era a infalível consequência das medidas adoptadas, pelos defensores de Portugal.»



Importante e preciosa informação sobre a defesa de Portugal durante as invasões napoleónicas. 50 €



Bonaparte, com huma breve noticia da Revolução Franceza, e a coroação de S. M. Corsa; escripto em francez, por C. H. Sarrazin, official do estado maior moscovita; traduzido em portuguez, e dedicado á officialidade, e mocidade lusitana, por P. P. V. Lisboa, Na Impressão Regia, 1811, 68 p., 20 cm. Capa em papel da época, bom estado de conservação.

86 - Sarrazin, C. H. – Ensaio sobre o systema militar de

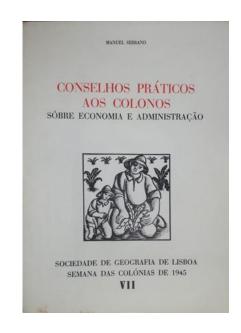
«Quando a França no meio da sua revolução só podia oppôr às agressões das Potencias continentaes massa informes de voluntários, sem Generaes experimentados, sem oficialidade veterana, então acreditarão todos não distar muito a sua ruína; e antes que as armas o decidissem, já nos Gabinetes da Europa se havia calculado a repartição de suas Províncias.»



87 - Serrano, Manuel – Conselhos práticos aos colonos sobre economia e administração. Lisboa, Sociedade de Geografia de Lisboa, 1945, 13 p., 21 cm. Capa brochada, bom estado de conservação.

«A "árvore das patacas" – no engodo da qual vão muitos que, de a não toparem ao desembarcar, logo esmorecem e desanimam – temos nós que a plantar, que a regar, que a fazer crescer e frutificar, com o nosso trabalho, com o suor do nosso próprio rosto, e com a perseverança e a fé que pusermos no nosso próprio esforço.» Curioso folheto, uma lição de vida.

12€

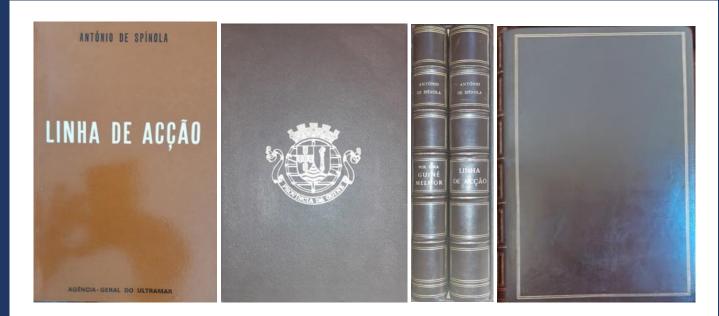




88 - Simões, Veiga — Portugal, o ouro, as descobertas e a criação do estado capitalista. Lisboa, Sociedade Nacional de Tipografia, 1940, comunicação apresentada no 1º Congresso da História da Expansão Portuguesa no Mundo, 5º secção, 47 p., 25 cm. Com dedicatória do autor. Capa brochada, bom estado conservação.

«As reformas quinhentistas do trabalho são já uma organização do étatismo económico, feito instrumento de dominação. (...) Uma força colectiva germinara — e produzira o mundo moderno.»

atempo@livraria



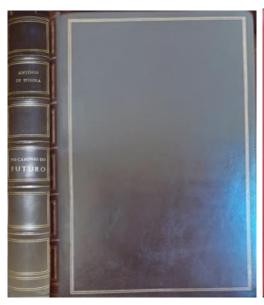
89 - **Spínola, António de** – *Linha de acção*. Lisboa, Agência-Geral do Ultramar, 1971, <u>1ª edição</u>, VIII;433;[6] p., 23 cm. Encadernação inteira de pele, com gravações na pasta, em caixa própria, com capa de brochura, bom estado de conservação.

«Reuniram-se neste volume, vários documentos em que se definiu a "linha de acção" da política governativa e se fixaram as linhas gerais para as diversas actividades provinciais, no decurso do terceiro ano de exercício das funções de Governador e Comandante-Chefe das Forças Armadas. Deles ressalta a preocupação dominante de prosseguir um programa realista, baseado na vivência dos problemas locais, sem utopias e, sobretudo, sem esquemas normativos fundamentados em teses que, por demasiado dogmáticas, não se ajustasse, às realidades africanas do presente.»

Spínola, António de – *Por uma Guiné melhor*. Lisboa, Agência-Geral do Ultramar, 1970, <u>1ª edição</u>, 393;[6] p., 23 cm. Encadernação inteira de pele, com gravações na pasta, em caixa própria, com capa de brochura, bom estado de conservação.

«Reúnem-se, neste volume, por ordem cronológica, discursos, mensagens e declarações proferidos, e entrevistas concedidas a órgãos de informação nos dois primeiros anos de exercício das funções de governador e Comandante-Chefe das Forças Armadas da Guiné.»



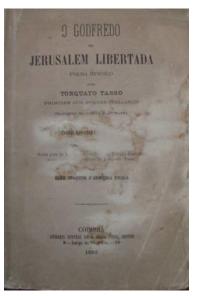




90 - Spínola, António de – No caminho do futuro. Lisboa, Agência-Geral do Ultramar, 1972, <u>1ª edição</u>, 491;[12] p., 23 cm. Encadernação inteira de pele, com capa de brochura, bom estado de conservação.

«Esta colectânea, em conjunto com as duas que a antecederam — "Por uma Guiné melhor" e "Linha de acção" —, constitui assim um desenho fiel de quatro anos em que muitos sonhos se transformaram em realidades, e em que também o peso de uma idiossincrasia não deixou que passassem de sonhos muitas das realidades ao nosso alcance.»

30€

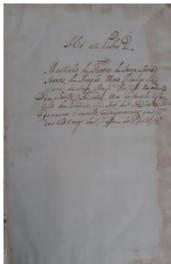


91 - Tasso, Torquato – *O Godofredo ou Jerusalem Libertada*. Coimbra, Livraria Central de J. Diogo Pires Editor, 1882, feita pela de 1689 e precedida d'um estudo historico sobre a vida e escrpitos de Torquato Tasso, por João Joaquim d' Almeida Braga, traduzido na língua portugueza por André Rodrigues de Mattos, 47;496 p., 20 cm. Capa brochada, com algumas manchas, cansada.

«Poema épico do poeta italiano Torquato Tasso, publicado pela primeira vez em 1581. O poema tem uma base histórica factual, elaborado sobre um episódio ocorrido em 1099. Teve grande repercussão na sua época pois a expansão do Império Otomano representava uma ameaça para a Europa. O sucesso do poema junto do público foi tão grande que deu origem a uma grande quantidade de adaptações para óperas, bailados, peças de teatro e mascaradas, além de fornecer motivos para uma série de pinturas.»



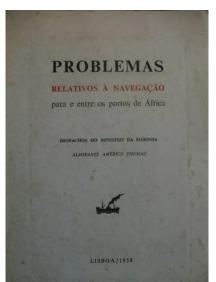




92 - Tavora, Alvaro Pirez — Historia de varoens illustres do appellido Tavora continvada em os Senhores da Caza e Morgado de Caparica: com a rellacam de todos os svccessos publicos deste reyno e suas conquistas desde o tempo do Senhor Rey D. Ioam Terceiro aesta parte; notiçia de cazamentos, guerras, pazes, ligas, negociaçoens e embaixadas dos Senhores Reys de Portugal, e outros de Europa, Africa, e Asia, emque tiueram interuençam aquelles de quem se escreue; recolhida pellas memorias originaes de seus passados, por Aluaro Pirez de Tauora Senhor da dita Caza, Caualleiro da ordem de Sanctiago, Comendador, E Alcaide mordas Villas das Entradas e Padroens e das Comendas das Pias, Seixas, e Lanholas na ordem de Christo; e pvblicado, por Ruy Lourenço de Tauora, perpetuo Gouernador, Alcaide mor, e Capitam mor da Fortaleza de Sam Sebastiam de Caparica, e seu districto, Senhor da mesma Caza e Comendas; Offereçida a Magestade elRey Dom Ioam IV. Nosso Senhor. Impresso em Paris, por Sebastiam Cramoisy, Impressor delRey Christianiss e da Raynha Regente e Gabriel Cramoisy, 1648, [4];364 p., 32 cm. Com nota manuscrita do possuidor descrevendo os seus títulos, cargos e funções. Encadernação inteira de pele da época, com falta da última folha, restauros nalgumas folhas, na última folha impedindo a leitura de parte do texto, algum vestígio de traça nas margens, bom estado geral.

Livro raro.

«Álvaro Pires de Távora, importante fidalgo de Trás-os-Montes, 2º senhor de Mogadouro, alcaide de Miranda do Douro, Mirandela e de Alfândega da Fé, foi reposteiro-mor de D. João I, D. Duarte e D. Afonso V, de quem recebeu inúmeras mercês.»



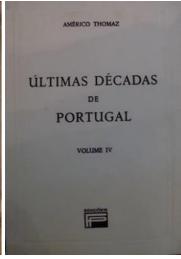
93 - Thomaz, Almirante Américo — Problemas relativos à navegação para e entre os portos de África: despachos do Ministro da Marinha. Lisboa, Empresa Nacional de Publicidade, 1958, prefácio de Jerónimo Henriques Jorge, 247;[1] p., 25 cm. Com assinatura do autor. Capa brochada, com alguns picos de humidade, bom estado de conservação.

«Américo de Deus Rodrigues Tomás, político e militar português, foi o décimo quarto Presidente da República Portuguesa, último do Estado Novo.»

«Não se tratava somente das carreiras de navegação entre a metrópole e os portos africanos, mas também da cabotagem de cada uma das províncias ultramarinas, da necessidade da construção de navios para o

respectivo tráfego, do apetrechamento dos portos, enfim, da expansão da marinha mercante.» 100 €







94 - Thomaz, Américo – Últimas décadas de Portugal. Lisboa, Cognitio; Fernando Pereira, 1980, 1982, 1983, 4 volumes, 1º volumes: 287;[1] p., 2º volume: 307;[1] p., 3º volume: 309;[2] p., 4 º volume: 395;[2] p., ilustrado com fotos, 24 cm. Capa brochada, bom estado de conservação.

«A leitura da súmula deste livro mostra, com clareza, a intenção de pôr em confronto dois períodos bem diversos da longa época que em especial os engloba e que abrange um pouco mais de sete decénios; (...) é que depois dela, Portugal deixou desgraçadamente de ser o que estava sendo e tinha sido por muito tempo, atingido por uma derrocada calamitosa e sem precedentes na sua história.»



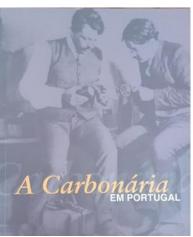




95 - **Tiza, António Pinelo** - *Simbologia maçónica nos rituais de Inverno*. Carviçais, Lema d' Origem Editora, 2018, 123;[4] p., ilustrado com desenhos de Luís Canotilho e fotos, 23 cm. Capa brochada, como novo.

«Rituais são práticas estabelecidas por tradições, repetidas ciclicamente num determinado espaço por um grupo social ou comunidade. Executam-se com fins superiores, simbolicamente representados por sinais.» 15 €









96 - **Ventura, António** – **A carbonária em Portugal.** Lisboa, Biblioteca Museu República e Resistência, 1999, 48 p., [16] páginas ilustradas, 25 X 21 cm. Capa brochada, como novo.

«Se é difícil escrever sobre uma organização secreta — a Maçonaria, um partido político clandestino, por exemplo — as dificuldades são acrescidas quando se trata da Carbonária, ou melhor, da "nossa" Carbonária. E a razão fundamental dessa dificuldade reside, afinal, numa razão bem simples — a carência quase absoluta de fontes que possibilitem reconstituir as origens, estruturas, actividades e morte dessa mítica organização. A explicação para tal mingua de fontes é bem fácil: sendo uma organização secreta, sob vigilância das autoridades, tinha que desenvolver métodos de defesa que passavam, naturalmente, pela inexistência de documentos susceptíveis de comprometer pessoas, estruturas e objectivos.»







97 - Ventura, António – *Uma história da Maçonaria em Portugal: 1727-1986.* Lisboa, Círculo de Leitores, 2013, 894;[1] p., muito ilustrado, 26 cm. Encadernação original do editor, como novo.

Índice:

I - Entre Luzes e Sombras (1727-1797) — II - Entre Cila e Caríbdis - A Maçonaria Portuguesa entre 1797 e 1819 — III Esperanças, Desafios e Ilusões (1820-1834) — IV - A Tentação Política - Entre a Dispersão e a Busca de Unidade (1834-1868) — V - Maçonaria à Margem da Política — VI - O Grande Oriente Lusitano Unido (GOLU) - Supremo Conselho da Maçonaria Portuguesa (1869-1879) — VII - Tempos de Incerteza (1880-1899) — VIII - O Lento Caminho da Republicanização (1900-1910) — IX - O Período Áureo (1910-1914) — X - A Cisão de 1914 e o Grémio Luso-Escocês — XI - Anos Tempestuosos (1915-1925) — XII - República e (ou) Ditadura (1926-1929)- XIII - O Grão-Mestrado do General Norton de Matos (1930-1935) — XIV - Mas Há Sempre Uma Candeia... (1935-1974) — XV - Quem Quis sempre Pôde (1974-1986).



atempo@livraria



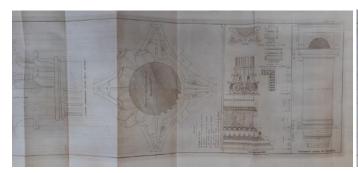


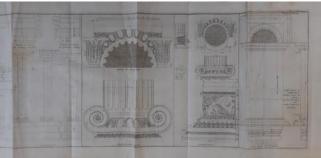




98 - Vinhola, Jacomo Barrozio de; J. C. Sequeira — Noções theoricas de architectura civil, seguidas de um breve tractado das cinco ordens de J. B. de Vinhola: traduzidas e compiladas pelo professor substituto da aula de desenho de architectura civil da Academia das Bellas Artes de Lisboa, e oferecidas aos discípulos da mesma aula. Lisboa, Typographia de José Baptista Morando, 1858, prefácio de José da Costa Sequeira, 28 p., 22 cm. JUNTO COM: Vinhola, Jacomo Barrozio de; J. C. Sequeira — Breve tractado das cinco ordens de architectura, adornado com estampas methodicamente desenhadas, e apropriadas ao estudo das pessoas que se dedicam á referida arte: traduzidas e compiladas pelo professor substituto da aula de architectura civil da Academia das Bellas Artes de Lisboa, J. C. Sequeira, e oferecidas aos discípulos da mesma aula. Lisboa, Typographia de José Baptista Morando, 1858, prefácio de José da Costa Sequeira, prefácio de J. B. de Vinhola, 28 p., [15] folhas desdobráveis ilustradas, 21 cm. Encadernação inteira de tela da época, bom estado de conservação.

«Sendo de summa importancia, que os Alumnos desta Academia de Bellas Artes, que desejam aperfeiçoarse no Desenho de Architectura Civil, não fiquem atidos simplesmente á pratica de copiarem os originaes das cinco Ordens, e os que pertencem em geral á Decoração, e Distribuição, que lhes não pôde ser verdadeiramente profícua, se não for acompanhada da teoria competente, e carecendo-se para este fim de um Tractado inteligível e breve, escripto em nosso idioma, que lhes possa ministrar uma tão essencial e prévia instrucção.»





atempo@livraria







99 - Viterbo, Sousa; R. Vicente de Almeida – A Capella de S. João Baptista erecta na Igreja de S. Roque: fundação da Companhia de Jesus e hoje pertencente à Santa Casa da Misericórdia; notícia histórica e descriptiva. Lisboa, Typ. da Lotaria da Santa Casa da Misericórdia, 1900, 198;[2] p., ilustrações em folhas extra texto, 21 cm. Capa brochada, bom estado de conservação.

Inclui ainda fac-similes das assinaturas dos indivíduos, que, por qualquer forma concorreram para a feitura da Capela de S. João Baptista.

«Templo e museu é conjuntamente a capella de S. João Baptista; não perderá a fé de christão quem entrar n'ella, romeiro da arte, com olhos fitos no Bello.»

35 €





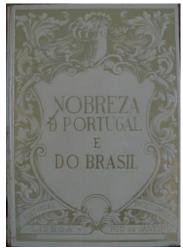
100 - Wilmshurst, W. L. – *Maçonaria: raízes e segredos da sua história.* Lisboa, Prefácio, 2002, tradução de Fernando B. Valle, 188 p., 24 cm. Capa brochada, como novo.

«A sua doutrina e simbologia mantiveram-se ao longo dos tempos envoltas em mistério. W. L. Wilmshurst, ele próprio membro da Maçonaria Inglesa, procura com esta obra clarificar um pouco a sua história, propósito, crenças e rituais, tornando a sua compreensão acessível também aos leigos.

O autor explica-nos como os rituais da Ordem Maçonica têm por objectivo iluminar o caminho místico para a espiritualidade e fraternidade, pois os iniciados confrontam-se com questões que se colocam ao nível da Religião

e da Filosofia – O que sou? Quem sou? Para onde vou? E com quem vou?





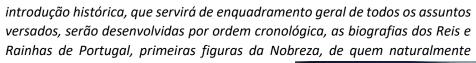




101 - Zúquete, Afonso Eduardo Martins (dir., coord. e compil.) – Nobreza de Portugal e do Brasil: bibliografia, biografia, cronologia, filatelia, genealogia, heráldica, história, nobiliarquia, numismática. Lisboa; Rio de Janeiro, Editorial Enciclopédia, 1960-1961, 1º edição, 4 volumes, 1º volume: 766p., 2º volume: 766 p., 3º volume: 766 p., 4º volume: Armorial Lusitano: genealogia e heráldica, 733 p., muito ilustrado no texto e em folhas extra texto por João Carlos e J. Ricardo da Silva, 25 cm. Encadernação original do editor, com gravações a ouro na pasta, bom estado.

«No trabalho que ora se apresenta procurou-se, na medida do possível, cingir toda a informação à verdade apurada, sem quaisquer preocupações polémicas, com a singela intenção de pôr nas mãos dos estudiosos uma obra útil de consulta.

A distribuição das matérias obedece a um esquema muito simples: depois de uma breve e muito sumária



emanaram no decorrer dos séculos, os foros e os direitos dessa mesma Nobreza.

Numa segunda parte, antecedida por breve dissertação sobre as origens e prerrogativas da Nobreza e a sua evolução em Portugal, incluise por ordem alfabética, a relação das Famílias Nobres, (...) acompanhadas das respectivas armas.»







•••

Índice temático

Açores / Madeira – 7

África – 5, 17, 18, 33, 41, 55, 56, 75, 78, 79, 80, 81, 87, 89, 90, 93

Agricultura - 9, 11

Almanaques - 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67

Arquitectura – 83, 98

Arte - 83, 98, 99

Contos - 14

Direito - 12, 19, 37

Educação física - 24

Etnografia - 4, 59

Filosofia /Moral – 68

Genealogia – 92, 101

Geografia – 20, 23

Heráldica - 101

História – 1, 2, 3, 6, 10, 15, 22, 27, 28, 29, 30, 32, 35, 36, 43, 44, 45, 47, 48, 49, 53, 54, 57, 58, 59,

70, 71, 72, 85, 86, 88

Índia – 29, 39, 40, 77

Judaísmo – 13

Literatura de viagens - 49, 69

Maçonaria – 8, 13, 25, 26, 31, 34, 46, 47, 50, 51, 52, 76, 82, 84, 95, 96, 97, 100

Memórias - 1, 36, 94

Monografias - 11, 21, 74, 83

Música – 76

Navegação – 42, 93

Navios – 42

Periódicos - 27, 84

Poesia - 91

Romances - 16, 38, 73

S. Tomé e Príncipe – 75

•••



Como encomendar:

livraria.antiquario@sapo.pt atempo.livrariantiquario@gmail.com

Tel: (+ 351) 93 616 89 39 Av. Na Sra do Cabo, 101 2750- 374 Cascais

Nota: * Salvo acordo em contrário, as encomendas serão enviadas contrarreembolso ou pagas por Transferência Bancária; * As despesas de envio serão por conta do Cliente; * Para o estrangeiro enviamos fatura pró-forma, sendo os livros enviados após a receção do pagamento.

ENCADERNAÇÕES – PALEOGRAFIA LIVROS EM BRANCO

Compra e venda de livros antigos

Visite o nosso site em: www.atempo-livrariantiquario.com

Obrigado pela sua preferência:

